



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**MODELOS DE REALIZAÇÕES DISCURSIVAS NOS BENDITOS POPULARES E
NAS NOVENAS**

CAMILA MARIA GOMES

Natal/RN

2014

CAMILA MARIA GOMES

**MODELOS DE REALIZAÇÕES DISCURSIVAS NOS BENDITOS POPULARES E
NAS NOVENAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como requisito para a obtenção do título de mestre, na área de concentração em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior

Natal/RN

2014

Aos meus pais, Luiz e Lúcia, pelo amor e apoio no tecer da vida.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de, neste pequeno espaço, agradecer a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o processo, árduo, por vezes, de escritura deste trabalho.

Primeiramente, mesmo que para alguns pareça clichê, gostaria de agradecer a Deus, pela força e pelas graças a mim dadas, não só nesta etapa, mas em todas as outras pelas quais passei.

Tão grandemente importante, gostaria de agradecer aos meus pais, Luiz Francisco Gomes e Maria Lúcia Venceslau Gomes, pelo amor, pelo carinho e pela dedicação que me foram dados desde o início de minha vida, em especial, nos momentos de dificuldades, nos quais eles se faziam ainda mais presentes.

Gostaria de aproveitar o espaço para agradecer também ao meu esposo, Gerônimo Gonçalves da Silva, pela paciência e, principalmente, pela insistência em não me deixar desistir da caminhada acadêmica.

Meu muito obrigada, também, às minhas irmãs, Lívia, Luciene e Luzia, que sempre quiseram o melhor para mim.

Um muito obrigada especial ao professor Lucrécio Araújo de Sá Júnior. Obrigada por ter depositado em mim, desde quando eu era sua aluna de graduação, toda a sua confiança, principalmente ao me aceitar como sua orientanda. Obrigada, também, pela paciência que teve comigo ao longo do processo de escritura da dissertação.

Com carinho, meu muito obrigada a Aucineide Marques e Elisângela Tavares, que me deram várias contribuições intelectuais e, principalmente, emocionais para a conclusão deste trabalho.

Aos colegas de curso e colegas de trabalho, que me deram força e estímulo para continuar esta jornada, muito obrigada!

A todos os aqui citados e aos que, por esquecimento, não estão aqui, muito obrigada pelas contribuições!

RESUMO

Com o intuito de contribuir para o entendimento dos processos constitutivos dos textos orais, buscamos, com este trabalho, verificar como se estabelecem os processos de formulaicidade nos benditos e nas novenas, patrimônios imateriais religiosos. Para isso, fizemos um apanhado geral sobre a realização das repetições que se estabelecem no *corpus* recolhido para o estudo, levando em consideração a presença de Tradições Discursivas nos textos analisados. Vale salientar que o *corpus* é composto por benditos e novenas recolhidos no município de Lajes, no Rio Grande do Norte. Esse material faz parte do corpus diferencial do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB-RN). Em relação ao arcabouço teórico utilizado para orientar a pesquisa, versamos nossas análises pelos pressupostos teóricos das Tradições Discursivas (TD), com as ideias defendidas por Johannes Kabatek, além de levar em consideração os pressupostos de Paul Zumthor sobre a oralidade nos textos religiosos populares, entre outros autores citados ao longo do trabalho. No âmbito das culturas populares, a existência dos textos orais serve para diversos objetivos interativos e isso não é diferente nos benditos populares e nas novenas (cf. Sá Júnior, 2009). Nesse sentido, focalizando o olhar por meio das Tradições Discursivas (TD), podemos verificar que os textos/discursos apresentam regularidades discursivas ou formas textuais já produzidas pela sociedade, em momentos anteriores, que permanecem ou se modificam ao longo de sua existência, como nos mostra Johannes Kabatek (2001, 2003, 2005 e 2006). Ainda nesse sentido, Paul Zumthor (1993) apresenta-nos a ideia de que falar em uso da “palavra” em memória, no seu real sentido, implica admiti-la como algo que possui um poder imensurável, que é capaz de decidir rumos no mundo e é daí que se estabelece a “riqueza das tradições orais”.

PALAVRAS-CHAVE: Tradições discursivas. Oralidade. Benditos. Novenas.

ABSTRACT

With the purpose of contribute to the understanding of oral texts constituent processes, we seek, with this work, verify how formulaicity processes in the “benditos” and “novenas”, religious intangible heritage, are established. For this, we made an overview on the performance of repetitions which are established in the corpus collected for the study, considering the presence of Discourse Traditions in the analyzed texts. It is noteworthy that the corpus consists of “benditos” and “novenas” collected in the municipality of Lajes, Rio Grande do Norte. This material is part of the differential corpus of the Project for the History of Brazilian Portuguese (PHPB-RN). Regarding the theoretical framework used to guide the research, we based our analysis on Discourse Traditions (DTs) theoretical assumptions, with the ideas defended by Johannes Kabatek, besides taking into consideration the assumptions of Paul Zumthor about orality in popular religious texts, among other authors cited throughout the work. In the context of popular cultures, the existence of oral texts serves to various interactive objects and this is not different in popular “benditos” and “novenas” (cf. Sá Júnior, 2009). In this sense, focusing the gaze through Discourse Traditions (DTs), we can verify that the texts/discourses present discursive regularities or textual forms already produced by society, in earlier times, which remain or are modified throughout its existence, as shows Johannes Kabatek (2001, 2003, 2005 and 2006). Also in this sense, Paul Zumthor (1993) presents us the idea that talk about using "word" in memory, in its real sense, implies admitting it as something which has an immeasurable power, which is able to decide directions in world, and from that is established the "wealth of oral traditions".

KEYWORDS: Discourse Traditions. Orality. Benditos. Novenas.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Níveis linguísticos	19
---------------------------------------------	-----------

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Linguística histórica	17
Figura 2 – Historicidade das tradições discursivas	20
Figura 3 – Tradições discursivas	24
Figura 4 – Processo de evocação	26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 A LINGUÍSTICA HISTÓRICA E A TRADIÇÃO DISCURSIVA.....	16
2.2 TRADIÇÃO DISCURSIVA, BENDITOS POPULARES E NOVENAS	28
2.3 ORALIDADE E PERFORMANCE	29
2.4 A QUESTÃO DO GÊNERO DISCURSIVO.....	36
2.5 A QUESTÃO DO FEMINISMO.....	37
3 METODOLOGIA	40
3.1 ORIGEM DO <i>CORPUS</i>	42
3.2 DESCRIÇÃO DOS DADOS	43
4 ANÁLISE DO CORPUS	46
4.1 O BENDITO E AS NOVENAS	46
4.2 A ORALIDADE E A FORMULAICIDADE NOS BENDITOS E NAS NOVENAS	48
4.3 O PROCESSO DE REPETIÇÃO PRESENTE NOS BENDITOS E NAS NOVENAS.....	50
4.4 ANÁLISE DOS BENDITOS E DAS NOVENAS	51
4.4.1 Análise do Caderno 1.....	51
4.4.2 Análise do Caderno 2.....	55
4.4.3 Análise do Caderno 3.....	66
4.4.4 Análise do Caderno 4.....	70
4.4.5 Análise do caderno 5	71
4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	78
ANEXO 1	82

Capítulo 1

Mesmo que já tenha feito uma longa caminhada, sempre haverá mais um caminho a percorrer.

Santo Agostinho

1 INTRODUÇÃO

Considerada como uma narrativa, a história trabalha, permanentemente, com representações da sociedade. Por isso que os acontecimentos passados e presentes, como nos mostra Montenegro (2003), estabelecem representações significativas. Sobre esse aspecto, o autor citado fala-nos que a mídia e outros meios de comunicação são fatores que influenciam diretamente na cultura popular. A língua, nesse sentido, configura-se como uma “demarcadora de fronteiras” entre a população mais pobre e a mais rica, levando em consideração que a cultura de ambas pode ser, na verdade, bem distinta. A partir dessa concepção inicial trazida por ele, destacamos que o primeiro ponto a ser levado em consideração na realização do presente estudo é em relação ao tema levantado na análise do trabalho: *modelos de realizações discursivas nos benditos e novenas*. Para a realização da pesquisa investigativa que nos dispusemos a realizar durante esses dois anos de estudo, lançamos mão de benditos populares e de novenas, e, assim, eis o título da pesquisa.

Antes de passar na seleção do mestrado do curso de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), passei um ano investigando, como Bolsista de Iniciação Científica, o processo de tradição discursiva em vários gêneros textuais, considerando os mais variados aspectos no âmbito do PHPB-RN. Em uma dessas análises, iniciei a investigação sobre os benditos populares e as novenas encontradas no município de Lajes, no Rio Grande do Norte (RN). Comecei, então, a perceber a importância que tais textos possuem para determinada comunidade, além da importância dos aspectos da tradição oral que podemos analisar nesses textos. Como venho de uma família de tradição católica, sempre me foi comum ouvir benditos e novenas, mas nunca havia atentado para os aspectos teóricos que poderiam ser levantados a partir da análise desses textos. Dessa forma, apropriando-me mais do *corpus* recolhido no município de Lajes, surgiu a ideia de apresentar um projeto que versasse sobre a sua análise, e assim o fiz.

Nesse sentido, na busca de me aprofundar sobre esses cânticos, consciente da importância que eles têm para a cultura popular dispus-me a analisar, entre outros aspectos, as marcas de tradição discursiva encontradas nesses cantos

populares. É importante destacar que os benditos são cantos religiosos utilizados, geralmente, em festas de padroeiro; as novenas correspondem a um encontro de nove dias, totalmente dedicados à oração.

Sabendo disso, o presente trabalho tem como finalidade pesquisar os benditos e as novenas populares, recolhidos do município de Lajes. O estudo foi realizado com a intenção de aprofundar e, sobretudo, de contribuir para a construção de ideias acerca desses textos, os quais ainda não foram tão bem trabalhados nem fundamentados teoricamente, em termos científicos.

Para esta pesquisa, fizemos o estudo a partir de um *corpus* constituído por cinco cadernos, contendo benditos e novenas, recolhidos do citado município. Esses cadernos foram recolhidos pelo professor Lucrécio Araújo de Sá Júnior e foi utilizado como um dos *corpora* a serem analisados pelo Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB). Iniciei o trabalho com eles com a função de realizar a transcrição de cada um para uma posterior análise. No decorrer dos anos e como eu estava familiarizada com o material, resolvi, então, utilizá-lo como *corpus* para uma pesquisa maior.

Como mencionado anteriormente, a pesquisa começou a ser elaborada no ano de 2010, com a minha inserção como bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de Linguística, mais especificamente na subárea variação e mudança, sob orientação do Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior. Como bolsista de Iniciação Científica, surgiu a oportunidade de participar de um projeto que possui alcance nacional, o Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), que conta com 11 (onze) equipes espalhadas em todo o país, sendo coordenado pelo Prof. Ataliba Castilho.

O PHPB teve início em 1998, no Programa de Pós-graduação em Filosofia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, com o intuito de estudar a história do português paulista (CASTILHO, 2012). Após o seu primeiro seminário, o PHPB estabilizou-se rapidamente e, com isso, o projeto se estendeu e atualmente é formado por mais de 200 pesquisadores. Aqui no Rio Grande do Norte, o projeto regional é coordenado pelo Prof. Dr. Marco Antônio Martins. Integrado ao PHPB-RN, o projeto a qual me vinculei tem a intenção de coletar documentos norte-rio-grandenses, entre os séculos XVIII, XIX e XX, intencionando, com isso, reconstruir a história da Língua Portuguesa e dos textos no Rio Grande do Norte e, portanto, no Brasil.

O presente estudo tem como objetivo geral contribuir para o entendimento dos processos constitutivos dos textos orais, sobretudo dos benditos e das novenas, buscando apontar algumas características relevantes das Tradições Discursivas (TD) no patrimônio imaterial religioso. Como objetivos específicos, temos:

- Analisar como se estabelece o processo de formulaicidade nos benditos e nas novenas.
- Investigar como ocorre o processo de repetição nos benditos e nas novenas.

Nesse sentido, todo o desenvolvimento da pesquisa tem por base pressupostos teóricos complementares, considerando, principalmente, os pressupostos das Tradições Discursivas (TD) e as ideias defendidas por Paul Zumthor acerca da oralidade nas culturas populares. No referencial teórico, tratamos mais detalhadamente das principais teorias acerca das Tradições Discursivas, levando em consideração a utilização dos benditos e, portanto, das novenas, tradições populares a serem analisadas.

Como levamos em consideração a abordagem das TD, devemos compreender que, de acordo com ela, os textos são portadores de tradições, ou seja, apresentam regularidades, semelhanças discursivas ou formas textuais já produzidas pela sociedade, em momentos anteriores, que permanecem ou se modificam ao longo de sua existência, assim como apresenta Kabatek (2001, 2003, 2005 e 2006).

Visto isso, deixamos claro que a relevância deste trabalho se dá, entre outros fatores, pelo fato de os benditos e as novenas serem textos ainda não muito estudados na academia, como já mencionado anteriormente, os quais apresentam uma peculiaridade: são textos escritos, que, no entanto, devem ser analisados como orais, uma vez que são pertencentes a uma cultura típica da oralidade.

A estrutura deste trabalho se faz por meio de cinco capítulos, os quais estão divididos do seguinte modo:

No primeiro capítulo, expomos as características gerais do trabalho, explicitando como estará dividido, apresentando os objetivos (gerais e específicos) e detalhando, por fim, como os capítulos seguintes estão estruturados.

No segundo capítulo, apresentamos as teorias que servem de suporte para o desenvolvimento da dissertação, trazendo as abordagens de Johannes Kabatek (2006) sobre Tradição Discursiva; Eugenio Coseriu (1997) sobre a Linguística Histórica e as Tradições; Mattos e Silva (2000, 2006, 2008) também sobre a Linguística Histórica e Paul Zumthor (2000, 2010), acerca de questões referentes à oralidade; entre outros teóricos que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

No terceiro capítulo, expomos a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, fazendo um apanhado geral sobre o processo metodológico utilizado, a origem dos dados e os autores responsáveis pela escrita dos benditos e das novenas.

No quarto capítulo, mostramos a análise do corpus recolhido para o presente estudo, destacando as características dos benditos e das novenas, como se estabelece o processo de oralidade, da formulaicidade e da repetição neles, além de destacarmos mais aspectos relevantes observados com a análise dos textos.

Por fim, no quinto capítulo, apresentamos as considerações finais, procurando destacar a importância do estudo sobre os benditos e as novenas, levando em consideração a relevância de que tais tradições permaneçam acessas na sociedade.

Capítulo 2

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

Cora Coralina

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Se observarmos nossa fala nas conversas que mantemos diariamente, notaremos que grande parte dela segue **caminhos já trilhados**. Observaremos também que, em muitas situações, nossas conversas carecem de conteúdo, desenvolvendo-se de acordo com padrões pré-moldados de pensamento e de expressão verbal. Isso, na realidade, faz nossa comunicação fluir com mais facilidade (PAWLEY & SYDER, 1983), pois evita que a todo momento tenhamos de ser criativos – o que seria absolutamente impossível (TAGNIM, 2005 *apud* ZANETTI, 2009, p. 14).

Neste capítulo, expomos os embasamentos teóricos adotados para a construção desta dissertação, os quais caminharam desde a conceitualização das Tradições Discursivas, ponto chave para a análise do *corpus*, passando pelas teorias acerca da oralidade até chegar às abordagens sobre os aspectos mais relevantes observados na análise dos benditos e das novenas, elementos que são de grande valia para o entendimento e a construção deste objeto de estudo. Nesse percurso teórico, é interessante relembrar um pouco sobre a linguística histórica, pois somente assim é que conseguimos esboçar todos os elementos da análise.

2.1 A LINGUÍSTICA HISTÓRICA E A TRADIÇÃO DISCURSIVA

Para iniciarmos o desenvolvimento deste trabalho, é relevante destacar as contribuições de Mattos e Silva (2008) sobre a linguística histórica. Por convenção, a linguística histórica pode ser definida como um campo linguístico que procura interpretar mudanças que ocorrem ao longo da história. Porém, a autora nos lembra que tanto a história da língua quanto a do homem, de acordo com M. Foucault, “não é uma duração: é uma multiplicidade de tempos que se emaranham e se envolvem uns aos outros” (MATTOS E SILVA, 2000 [1972], p. 293). Continuando nesse mesmo tema, Mattos e Silva (2008) apresenta-nos o resultado a que chegou a partir da formulação sobre a linguística histórica, levando em consideração as contribuições de Eugenio Coseriu, em seu livro *Sincronia, diacronia e história*, o qual

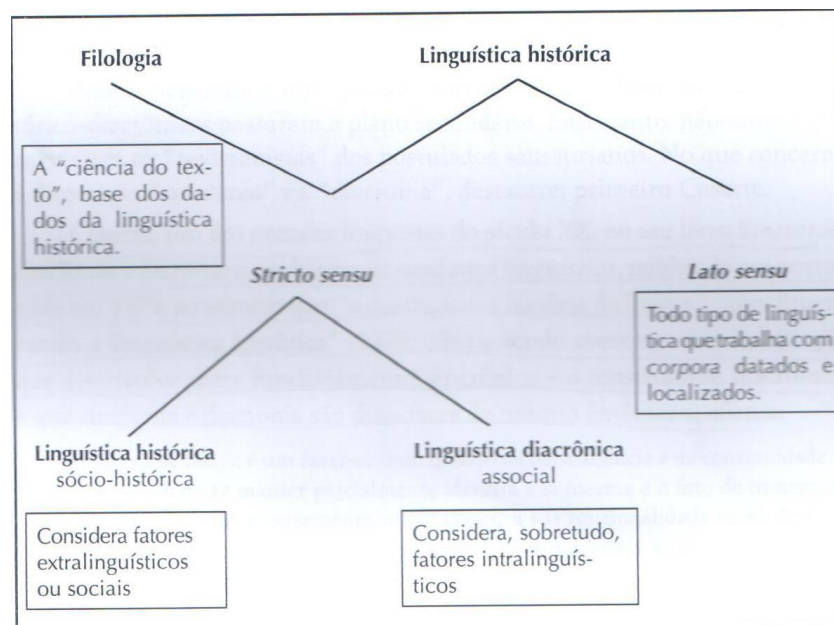
afirma que “a descrição e a história da língua situam-se, ambas, no nível histórico da linguagem e constituem juntas a linguística histórica” (COSERIU, 1979, p. 236). Para Mattos e Silva, é possível considerar duas grandes vertentes na linguística histórica: a *lato sensu* e a *stricto sensu*.

A primeira delas “trabalha com dados datados e localizados”. Já a segunda, de acordo com o que nos explica Mattos e Silva (2008), é a que objetiva *estudar o que e como* muda a língua ao longo do tempo. É nesse momento que a linguista citada nos mostra que

A linguística histórica no sentido estrito depende, diretamente, da filologia, uma vez que tem como base de análise inscrição, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se os corpora indispensáveis às análises das mudanças linguísticas de longa duração (MATTOS e SILVA, 2008, 10).

Sintetizando o que nos trouxe essa autora, apresentamos a Figura 1, com um gráfico elaborado por ela.

Figura 1 – Linguística histórica.



Fonte: Mattos e Silva (2008).

Observando a imagem, percebemos que foi a Filologia a grande área responsável por oferecer elementos para que a Linguística Histórica pudesse ser desenvolvida e, assim, é que podemos compreender os processos de mudanças pelos quais a língua passa.

Levando em consideração esses aspectos, é importante destacarmos o conceito de linguagem, elaborado por Eugenio Coseriu, o qual a entende como “uma atividade humana universal, que, em obediência a normas histórico-convencionais, é exercida por indivíduos [...]” (EUGENIO COSERIU, 1979 *apud* PETER KOCH, 1997, 92). A partir dessa definição, podemos ver os três níveis linguísticos, abordados por Coseriu, a saber: nível universal, nível histórico e nível individual. Segundo Coseriu (1980, p. 92):

Esses três níveis são, até certo ponto, autônomos. Assim, o nível universal segue também normas próprias e realiza também possibilidades suas, independentes das línguas particulares. Analogamente, não cabe considerar o nível universal como mera realização de uma historicidade determinada, porque nesse nível encontramos de uma parte, indivíduos políglotas, que conhecem e realizam diferentes tradições históricas, e de outra, não existe nenhum indivíduo que realize por si só toda uma tradição histórica. Por isso, o nível individual supera em certo sentido o histórico, pelo fato do indivíduo poder falar mais de uma língua e, noutro sentido, o nível individual é mais limitado que o histórico, porque nenhum indivíduo realiza totalmente essa ou aquela língua.

A partir do modelo de Coseriu (1980) sobre os três níveis linguísticos, Peter Koch (1997) acredita que se precisa acrescentar a esse modelo mais um filtro histórico, o qual ele denomina de tradição do falar, que não pertence a uma língua em particular, mas também é dado historicamente. Koch sugere, então, que se duplique o nível histórico (modelo de Coseriu), mostrando-nos que: “transversalmente às tradições e normas intralinguísticas, devem ser colocadas também as tradições textuais ou as tradições discursivas ou normas discursivas” (PETER KOCH, 1997 *apud* KABATEK, 2006). Assim, de acordo com Koch (1997), um novo modelo surgiria (ver Quadro 1, a seguir).

Quadro 1 – Níveis linguísticos.

Nível	Campo	Tipo de norma	Tipo de regras
Universal	Atividade do falar	-	Regras do falar
Histórico	Línguas particulares	Normas da língua	Regras da língua particular
Histórico	Tradição discursiva	Normas discursivas	Regras discursivas
Individual/atual	Discurso	-	-

Fonte: Koch (1997).

Assim, para Koch (1997), a diferença entre a língua particular e a tradição discursiva é clara, uma vez que aquela aborda aspectos referentes à língua, como o francês, o alemão, o inglês; enquanto a tradição discursiva aborda questões referentes aos gêneros textuais, literários etc., ou seja, às formas tradicionais de dizer na modalidade escrita ou oral. Desse modo, em relação a esse aspecto, Koch apresenta-nos as regras referentes à fala, à língua e ao discurso.

Uma questão importante a se abordar é a das regras do discurso e da língua. Em relação a isso, Koch (1997) apresenta alguns exemplos e, a partir deles, mostra-nos que as marcas de tradição discursiva presentes em textos pertencentes a línguas diferentes carregam grandes marcas discursivo-tradicionais. Dessa maneira:

As regras do discurso dizem respeito justamente ao discurso ou texto como unidade hierárquica mais alta, na qual o linguístico se organiza; as assim chamadas regras da língua, no entanto, referem-se apenas aos outros níveis da língua: fonética, morfologia, sintaxe e léxico (KOCH, 1997).

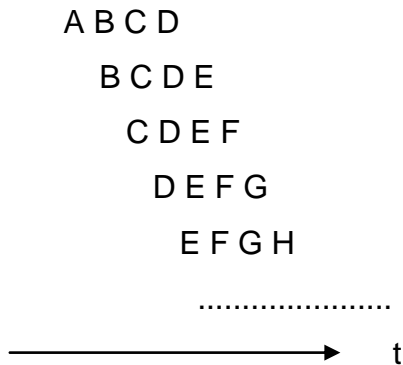
Assim, vale salientar, como aponta Koch (1997), que as regras do discurso são transmitidas por meio de grupos culturais; já as regras da língua são transmitidas por meio de comunidades linguísticas.

Sobre a historicidade das tradições discursivas, Koch (1997. p. 14) aponta que “tradições discursivas são complexos de regras com caráter histórico”, assim, ele apresenta um fato que há muito vem sendo discutido: o conservadorismo, isto é, a estabilidade estrutural que os gêneros apresentam.

Dessa maneira, se por um lado os gêneros apresentam uma “tendência à constância das denominações para as tradições discursivas”, como aponta Koch

(1997, p. 16), por outro lado, há uma mistura de elementos que se conservam e que se modificam ao longo dos anos. O esquema, a seguir, formulado pelo mesmo autor, ilustra melhor este ponto:

Figura 2 – Historicidade das tradições discursivas.



Fonte: Koch (1997).

A partir do que o autor aponta, percebemos que ao longo dos anos, os gêneros, de um modo geral, tendem a perder algumas características e, ao mesmo tempo em que conservam outras, vão adquirindo novas.

Apesar de ter nos apresentado a ideia de processo pelo qual o gênero passa ao longo dos anos, vale salientar que ainda há muito o que se esclarecer a esse respeito. Abordando a questão das tradições discursivas também como um processo, Koch (1997) assera que as tradições discursivas nada mais são do que multifacetadas das tradições culturais da humanidade. Assim, é visível que as tradições culturais sofrem mudanças ao longo do tempo e, ao surgirem novos desafios relacionados com a cultura, política etc., inicia a necessidade de que essas tradições culturais também se renovem. Desse modo, com o aparecimento de novas tradições culturais surgem, também, novas tradições discursivas.

Koch (1997) faz um questionamento bastante peculiar que diz respeito ao surgimento das novas tradições culturais: “de onde vêm, na verdade, as novas tradições culturais e as novas tradições discursivas?”. Sobre isso, ele deixa claro que para se “criar” o novo, aquilo já existente é sempre levado em consideração. Assim, para ele, “as novas tradições nunca surgem *ex nihilo*, mas têm de se ligar sempre a algo já dado” (KOCH, 1997).

Desse modo, quando uma nova tradição surge, ela deve se apoiar em uma já existente anteriormente, que ao longo dos anos irá adquirir características próprias. E é isso que acontece com as tradições culturais e as tradições discursivas.

Sobre isso, Koch (1997) apresenta o exemplo dos panfletos que, com a invenção da impressão, surgiram como uma nova forma de produto na Itália. Mas, embora tenha sido considerada uma forma inovadora, apoiava-se em tradições discursivas que já existiam. Esse exemplo mostra-nos, portanto, que quando uma tradição discursiva surge, deve sempre haver um ponto de apoio para dar suporte a ela.

Como já foi explicado anteriormente, as novas tradições discursivas, ao surgirem, conservam, de certo modo, características de tradições já existentes. Por conseguinte, podemos dizer, como nos leva a pensar Koch (1997), que durante algum tempo, determinados elementos da tradição anterior servirá como base para a nova tradição. Além disso, a tendência é que, ao longo do tempo, essas características deixem de existir e, provavelmente, apaguem-se totalmente, dando espaço para que a nova tradição adquira suas próprias características.

Ainda em relação aos traços de permanência e mudança de uma tradição discursiva, Koch (1997) informa que à medida que os traços considerados conservadores de uma tradição discursiva passam a não mais ter serventia, a tendência é que eles sejam eliminados. Isso pode ser observado no exemplo mostrado pelo mesmo autor sobre as tradições discursivas literárias. Inicialmente, as sociedades orais, as tradições discursivas poéticas, como aponta Koch, estavam ligadas a fatores como ritmo, rima e até a música. Depois da propagação da escrita, essas características foram dando lugar a questões ligadas, especificamente, à estética da poesia.

Dando prosseguimento, Koch (1997) apresenta-nos um processo que surge com a inovação de tradições: a diferenciação de tradições. Como exemplo, ele cita, na área religiosa, o culto cristão que, segundo ele, sofreu diferenciações ao longo do tempo e se diferenciou em culto católico-romano, arianos, ortodoxo etc.

Ainda sobre o processo de diferenciação, ele aponta que em algumas vezes o processo de diferenciação de tradições culturais refere-se apenas a um processo de diferenciação que ocorre internamente. Nesse sentido, de acordo com Buhl (1989 *apud* KOCH, 1997), “as culturas [...] em seu surgimento sempre sincréticas [...] quer

dizer, elas vivem mais da difusão e da recombinação do que da criação original”. Isso significa que o processo de diferenciação e a mistura de tradições discursivas estão diretamente ligados.

Finalizando esse aspecto, Koch (1997) aborda a queda de tradições discursivas, mostrando que as tradições culturais vão surgindo a partir da demanda de novos desafios e, a partir desse surgimento, as tradições culturais “antigas”, quando não mais são consideradas úteis, tornam-se disfuncionais e, por conseguinte, desaparecem. Vale ressaltar que não se trata de um processo que ocorre rapidamente, mas, sim, que leva anos, décadas para acontecer.

Em relação ao conceito das Tradições Discursivas (TD), Peter Koch (1997) e Wulf Oesterreicher (1996, 1997, 1999) tiveram bastante influência e contribuíram com seus trabalhos. Nesse sentido, em alguns de seus trabalhos, levando em consideração o que Coseriu (1979) já postulara a respeito, eles definiram as TD levando em conta “a existência de dois fatores no nível histórico, a língua como sistema gramatical e lexical, e as tradições discursivas” (cf. SÁ JÚNIOR, 2012).

De acordo com Oesterreicher (2002 *apud* SÁ JÚNIOR, 2012): “As tradições discursivas funcionam em virtude de situações comunicativas determinadas historicamente”. Nessa perspectiva, todo discurso individual guiado por determinados modelos discursivos – os gêneros ou as tradições – constituem-se no marco de uma série de constelações comunicativas que controlam os traços específicos de cada discurso e as possíveis modalidades de sua produção e recepção.

Como bem aponta Sá Júnior (2012), para Koch (1997), a literatura especializada tem o gênero como algo estável e que tende a se conservar na maioria de seus aspectos. No entanto, as Tradições Discursivas apontam que o gênero é “[...] ao contrário, instável e, acima de tudo, modificável no tempo” (KOCH, 1992, p. 7). É nesse sentido que os estudiosos das TD observam que há sempre uma tensão entre o que é convencional e o que é inovador.

De acordo com Kabatek (2006), as TD podem ser entendidas como sendo características que se repetem em um texto de um dado momento histórico em relação a um texto anterior, sendo que a repetição pode ser observada em apenas uma parte do texto ou nele todo. A esse respeito, Pinto-Correia acrescenta:

[...] nas culturas populares, as Tradições Discursivas se definem como um conjunto de textos orais que, tendo sido criados em datas situáveis ou desconhecidas, foram aceitos e transmitidos pela cadeia da oralidade, posteriormente pela escrita em comunidades pouco ou nada letradas (PINTO-CORREIA *apud* SÁ JÚNIOR, 2012, p. 190).

Continuando nessa mesma ideia, de acordo com Johannes Kabatek (2006, p. 505), o conceito de Tradições Discursivas, ultimamente, tem ganhado bastante significação, sobretudo “no âmbito dos estudos históricos do português brasileiro, inserido no Projeto Para a História do Português Brasileiro”. Como se trata de um paradigma científico recente, ele acaba provocando algumas reações, como questionamentos sobre como estabelecer uma relação entre esse novo conceito e outros já existentes.

Nesse sentido, Kabatek (2006, p. 505) assegura que a conceituação sobre as Tradições Discursivas nasceu na linguística alemã, mais especificadamente na linguística românica. E por ter origem na linguística românica, esse conceito foi marcado pelos estudos de Eugenio Coseriu (1979) que, entre outras coisas, preocupou-se em distinguir os três níveis do falar, já abordados anteriormente, que, de acordo com Kabatek, são considerados requisitos mínimos para se entender qualquer questão sobre o estudo da linguagem.

O que Kabatek (2006) tenta nos mostrar com a retomada dos três níveis do falar postulados por Coseriu (1979) é que esses níveis estão ocorrendo simultaneamente quando falamos, já que não podemos falar em um sentido universal do falar sem nos utilizarmos de uma língua e sem, portanto, produzirmos um texto.

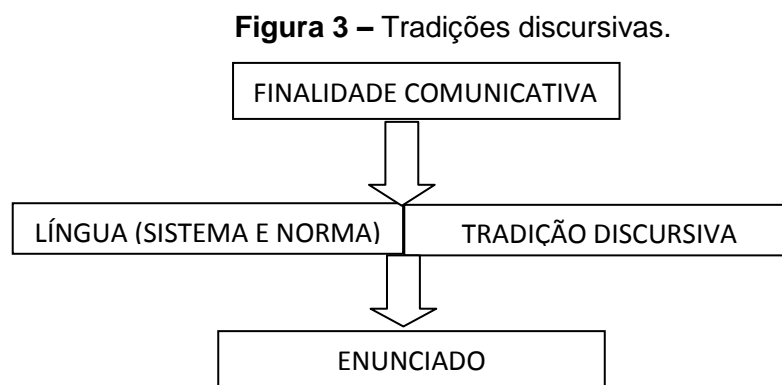
Durante os anos 1980, estudou-se a diferença entre a linguagem oral e a linguagem escrita, sendo a origem desses estudos nos anos 1960 e 70, na linguística de textos e na pragmática, como aponta Kabatek (2006), sendo que Coseriu já havia postulado, em 1955, uma linguística do nível do texto/discurso.

Em 1983, em um livro que, segundo aquele autor, “relacionava a discussão oralidade e ‘escrituralidade’ com uma visão histórica” (KABATEK, 2006, p. 506), foi proposta a pragmática histórica e foram fundamentadas algumas ideias que mais tarde serviriam às Tradições Discursivas. Ainda na mesma obra, há uma ideia fundamental às TD: “existe uma história dos textos independentes da história das línguas e o estudo histórico das línguas deve tê-la em conta” (KABATEK, 2006, p.

507). Johannes Kabatek garante ainda que nos trabalhos realizados por Peter Koch (1997) e Wulf Oesterreicher (1997) há o conceito de TD que parte da ideia do nível histórico proposto por Coseriu:

[...] a atividade do falar, com uma finalidade comunicativa concreta, atravessaria dois filtros concomitantes até chegar ao produto do ato comunicativo ou enunciado: um primeiro filtro corresponde à língua, e um segundo corresponde às Tradições Discursivas (KABATEK, 2006, p. 508).

Para visualizar o que Kabatek (2006, p. 508) apresentou, observamos a Figura 3.



Fonte: Kabatek (2006, p. 508).

De acordo com Kabatek (2006, p. 509): “uma primeira abordagem poderia entender então as TD como modos tradicionais de dizer as coisas, modos que podem ir desde uma fórmula simples até um gênero ou uma forma literária complexa”. Para além desse conceito inicial, Kabatek amplia em dois sentidos esse conceito, sendo um deles relacionado com todos os tipos de textos e não somente com aqueles mais complexos; e o outro se refere a “uma tradição de falar dentro de um mesmo gênero” (KABATEK, 2006, p. 509). Ou seja, trata-se de tradições diferentes encontradas em um mesmo gênero, deixando claro que os gêneros textuais são considerados como tradições do falar, porém, o contrário nem sempre acontece.

Assim, como mostra Kabatek (2006), o que define a TD é a “repetição de algo”, tendo em vista uma relação temporal. Nessa perspectiva, nem toda repetição

pode ser caracterizada como TD, ela implica ter uma relação temporal. Pode ser que haja uma repetição total ou parcial de alguma parte de um texto ou, até mesmo, de uma estrutura textual.

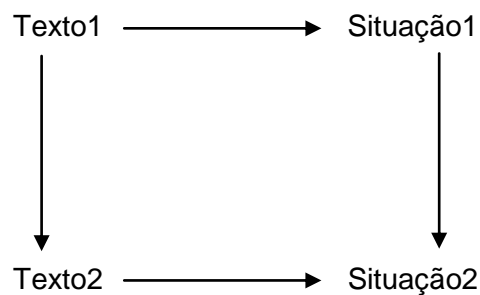
Deve-se deixar claro, levando em consideração o que aponta Johannes Kabatek (2006), que a TD tem de ser discursiva, ou seja, as repetições não linguísticas não devem ser levadas em consideração, uma vez que nem toda repetição linguística obrigatoriamente corresponde a uma TD. Além disso, para uma tradição ser considerada como uma TD, devemos levar em consideração a “evocação”. Assim, ainda de acordo com o mesmo autor:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de comunicação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados (KABATEK, 2006, p. 512).

Em relação ao conceito de TD apresentado por Kabatek (2006), há muitas questões a serem levadas. A primeira delas é:

[...] a relação existente entre as tradições discursivas e a referência, ou seja, se observarmos a evolução de uma cultura iremos perceber que as línguas criam o que Kabatek chama de ‘textos autônomos’, textos que eles mesmos criam os seus contornos extralinguísticos com meios textuais (KABATEK, 2006, p. 512).

Para que Kabatek (2006) chegasse a tal conceito, foi necessário pensar definição, entre outras, de evocação e repetição. Observando o esquema seguinte, podemos perceber que alguns processos são constitutivos das tradições discursivas (TD), como, por exemplo, o fato de que a específica combinação de algumas formas particulares faz com que um texto seja inserido como pertencente a uma TD.

Figura 4 – Processo de evocação.

Fonte: Kabatek (2006).

De acordo com o esquema anterior, o eixo horizontal apresenta a evocação, enquanto o outro eixo, o vertical, está representando a repetição, isto é, o tempo compreendido entre os dois eixos. Nesse caso, não podemos dizer que toda repetição forma uma tradição discursiva, no entanto, podemos afirmar que para se estabelecer um processo de tradição discursiva é necessário que haja repetição.

Seguindo esse mesmo raciocínio, outra questão importante é sobre as tradições discursivas e as variedades linguísticas. Sobre isso, Kabatek (2006) nos adverte que a TD não pode ser considerada como sendo uma variedade, mas o conceito das variedades leva em consideração as TD. Portanto, podemos dizer que para haver tradição discursiva é necessário haver tempo, pois elas não surgem do nada, além disso, quando elas aparecem, é preciso que se observem nelas aspectos conservadores, pois, deduz-se que ela emergiu de algo que já existia e, portanto, preserva características próprias, peculiares e que foram passadas e conservadas ao longo dos anos.

Assim como há várias questões que surgem a partir do conceito de TD, também surgem consequências acerca desse conceito. Uma delas é que a TD, como possui valor de signo, apresenta-nos não somente um texto sem tradição, mas também se refere a uma tradição concreta. Desse modo: “uma TD é mais do que um simples enunciado; é um ato linguístico que relaciona esse texto com outros textos da mesma tradição” (KABATEK, 2006, p. 513).

Outra consequência que surge a partir do conceito de TD diz respeito ao fato de que a tradição discursiva não corresponde a um texto que é repetido do mesmo modo todas às vezes em que é utilizado, pode também ser uma “combinação particular de elementos”, como nos apresenta o mesmo autor.

Dessa maneira, as TD modificam-se com o passar dos anos, tendo a possibilidade de se modificar ao ponto de se diferenciar da realidade inicial na qual foi criada. Pode-se observar que no universo religioso as TD são bem demarcadas. É o que Kabatek (2006) aponta como sendo a “variabilidade de uma TD”, sobre a qual a sociedade tem influência direta. Nesse mesmo sentido, ele nos mostra que as TD têm, em relação ao estudo, muitas aplicações e uma dessas diz respeito à sua relação com a gramática histórica, com o intuito de se observar as evoluções da língua com maior rigorosidade.

Assim, deve-se deixar claro que quando se pretende estudar a história de uma determinada língua, na verdade o que se estuda são os textos de distintos períodos, e não a língua em si. Nesse sentido, Douglas Biber esclarece que para se identificar uma TD deve-se levar em consideração uma “combinação de elementos num texto” (BIBER *apud* KABATEK, 2006, p. 517). Por fim, Kabatek aponta que:

A língua não é uma entidade monolítica que evolui ao longo do tempo. É um conjunto de variedades e de tradições discursivas com evoluções internas bem diferenciadas: uma inovação dá-se, em geral, em um texto determinado, um texto que pertence a uma TD (KABATEK, 2006, p. 517).

É importante salientar o que Coseriu (1979 *apud* Koch, 1997) postula sobre a língua particular e a tradição discursiva, uma vez que, segundo ele, aquela se preocupa em observar os fenômenos ocorrentes nas línguas em si, como no inglês, no espanhol, no próprio português, enquanto que a TD aborda o estudo dos gêneros textuais, já que nesses se pode observar a forma do texto.

Coseriu (1979) também desenvolve uma discussão pertinente sobre as tradições discursivas e o discurso, definindo que toda TD “tem um ‘perfil’ medial”, ou seja, as TD permeiam, passam por um perfil discursivo. Assim, o mesmo autor considera as TD como sendo formadas por um conjunto de regras que apresenta um caráter histórico. Além disso, como nos mostra Peter Koch: “[...] as tradições discursivas são, basicamente, apenas um tipo das multifacetadas tradições culturais do ser humano, e, nessa medida, mostram, apesar de todas as diferenças na ‘matéria’, semelhanças fundamentais” (PETER KOCH, 1997).

É importante salientar que as tradições discursivas têm relação clara com a linguagem, mas isso não quer dizer que ela se apresenta como um “caso especial de tradições culturais”; trata-se de outro tipo de tradição (KOCH, 1997).

2.2 TRADIÇÃO DISCURSIVA, BENDITOS POPULARES E NOVENAS

Para a presente pesquisa, já está clara a importância de falarmos sobre as culturas populares e sobre a oralidade, uma vez que a partir deste estudo, buscamos, entre outras coisas, preservar uma tradição, uma cultura.

Como informa Sá Júnior (2010), os estudos antropológicos há algum tempo observam o repertório de textos orais que a sociedade produziu (produz), os quais servem para diversas manifestações populares. Ele nos mostra as contribuições de Pinto-Correia (1993) sobre os macroconjuntos das tradições discursivas nas culturas populares, o que o autor chama de Tradições discursivas orais.

Segundo Pinto-Correia (*apud* SÁ JÚNIOR, 2010, p. 3), há três tipos básicos de macroconjuntos: prático-religioso, narrativo-dramático e composições dramáticas. O primeiro deles está relacionado com o sentimento e o afeto, os quais, por sua vez, relacionam-se com crenças e superstições. O segundo macroconjunto é formado, em grande parte, por composições em prosa, que, geralmente, são completadas por diálogos. Já as composições dramáticas estão relacionadas com peças e diálogos que fazem parte da vida cotidiana da cultura popular.

Quanto aos benditos e às novenas, percebemos a realização do macroconjunto prático-religioso, já que se trata de textos diretamente relacionados com crenças e que estão relacionados diretamente à questão do sentimento.

Em relação às Tradições Discursivas, benditos populares e novenas, é válido citar Sá Júnior:

Culturalmente marcados, esses textos podem ser definidos como TDs, pois trazem em si uma dupla memória: (i) memória das formas e das modalidades poéticas de uma região autóctone, porém difícil de mapear, tão antiga quanto a humanidade, que vem conservada e modificada na prática de manifestações populares; (ii) memória das histórias, narrativas que se contavam, contam e cantam. Assim essas TDs são enunciações poéticas, formas de dizer e fazer as experiências num mundo material e imaginário; essas TDs se instauram como marcas linguísticas e formas discursivas compatíveis com cada região, ou sociedade, que tomam parte (SÁ JÚNIOR, 2010, p. 5).

Como podemos perceber, os textos analisados apresentam características das Tradições Discursivas, uma vez que cada um deles possui características particulares e é algo que vem de uma tradição; não foi criado ao acaso, tampouco

recentemente. Os benditos são cantos religiosos pertencentes à cultura popular, utilizados, por exemplo, em festas de padroeiros. As novenas, originadas na religião católica, correspondem a um encontro de nove dias, totalmente dedicados à oração. Trata-se, portanto, de textos pertencentes a uma cultura específica, que guarda características que os mantêm durante anos.

2.3 ORALIDADE E PERFORMANCE

Para iniciarmos a nossa conversa sobre oralidade, uma questão bastante importante para a pesquisa é em relação ao gênero. Já abordamos isso, mas aqui destacamos as ideias de Zumthor (1997), o qual postula que na literatura oral, o gênero apresenta marcas convencionais, além disso, caracteriza-se por apresentar semelhanças em várias funções (nos níveis lexical, gramatical e semântico). Segundo ele,

Os gêneros, na verdade, só têm identidade em seu contexto cultural e os traços que a análise discerne só se tornam pertinentes nele: relação dialética que, na maioria das vezes, manifesta o vocabulário utilizado em um dado meio, quer ele seja etnia tomada globalmente, uma classe social, ou um cenáculo de iniciados (ZUMTHOR, 1997, p. 51).

Essa definição de gênero¹ é importante, pois a utilizamos como referência para análise do nosso *corpus*, uma vez que consideramos tanto o bendito quanto a novena como gêneros que possuem grande importância para a comunidade na qual estão inseridos.

Antes de abordar a questão da oralidade propriamente dita, é válido destacar as considerações de Zumthor (1997) sobre a concepção de palavra e o poder que ela pode exercer em uma sociedade. Segundo esse autor, todo discurso equivale à ação. O poder que chefes exercem, por exemplo, independentemente de em qual situação comunicativa estejam inseridos, tem origem na palavra. É por meio

¹ É importante destacar que há diferentes dimensões de análise de TD. Para a presente pesquisa, utilizamos esta concepção de gênero.

dela que ordenamos, mandamos, que fazemos calar. Porém, Zumthor aponta que a palavra não pode ser considerada meramente e somente “Palavra”.

Dessa maneira, ele destaca para nós o conceito de dois tipos – se é que assim podemos chamar – de palavra: a ordinária e a força. A palavra ordinária é aquela proferida superficialmente, é a banalizada, a inconsistente. A palavra-força é a mais rica, a fixa, a mais elaborada.

A palavra-força tem seus portadores privilegiados: velhos, pregadores, chefes, santos e, de maneira pouco diferente, os poetas; ela tem seus lugares privilegiados: a corte, o quarto das damas, a praça da cidade, a borda dos poços, a encruzilhada da igreja (ZUMTHOR, 1993, p. 75).

Zumthor aponta ainda que o catolicismo apropriava-se da palavra e de sua tradição para proferir suas crenças e seus dogmas. Prova disso é que no século XII era o bispo quem exercia todo o poder da palavra verídica. “Ela não é, então, apenas meio de transmissão de uma doutrina; é, enquanto perdura, fundadora de uma fé” (ZUMTHOR, 1993, p. 76).

Ao se falar em “oralidade”, toda uma história cultural deve ser levada em consideração. Pensando nisso, trazemos, de forma breve, as ideias de Paul Zumthor sobre a poesia oral. Zumthor (1993) aborda a questão da ambiguidade existente entre o que vem a ser folclore e a poesia popular. Para ele, há um tempo considerável que especialistas tratam o estudo da cultura oral, muitas vezes, com observações contestáveis e, por vezes, até contraditórias. Uma delas seria o uso dos termos folclore e cultura popular, que são termos, segundo o autor, “vagos e que só podem ser aplicados, parcialmente” (ZUMTHOR, 1993, p. 76).

O termo folclore foi criado em 1846, por W. J. Thomas, e designa um “saber”, referindo-se a um conjunto de costumes. Por essa definição inicial, podemos perceber a vagueza do termo, que pode ser aplicado em diversos contextos. Zumthor aponta que no final do século XX, “a palavra folclore se desdobrou, remetendo, por um lado, a um conceito muito vago, ao qual vários etnólogos negam qualquer valor científico e, por outro lado, a diversas práticas de recuperação dos regionalismos e de animação turística” (ZUMTHOR, 1997, p. 22). Atualmente, no entanto, o termo já tem uma abrangência maior, aplicando-se a qualquer poesia oral.

Outro termo também ambíguo é “popular”, adjetivo que, geralmente, como bem aponta Paul Zumthor, está associado a outros termos (cultura, literatura, poesia, canção). Nesse sentido, pensando nessas ambiguidades, Zumthor (1997, p. 24) nos fala que nada “autoriza a estabelecer-se uma identificação entre popular e oral”.

Nesse sentido, de acordo com Pidal, a poesia popular se caracterizava como,

[...] composições recentes difundidas ente um público bastante amplo, durante um período mais ou menos breve, no qual sua forma permanece quase imutável, em oposição à “poesia tradicional”, por ele considerada como peças não apenas recebidas, mas coletivamente assimiladas por um vasto público, em uma ação de recriação e de variação contínua e prolongada (PIDAL *apud* ZUMTHOR, 1997, p. 24).

Entretanto, alguns autores não concordam com essa posição e se questionam se a “literatura oral” será somente uma subclasse da categoria “popular”. A esse respeito, Zumthor aponta que o que perturba alguns autores é o “recurso, implícito ou declarado, que nelas se faz a uma oposição não pertinente neste caso: a que separa o ‘literário’ do não literário ou o que é designado com algum outro termo, seja ele sociológico ou estético” (ZUMTHOR, 1997, p. 25).

Outro ponto bastante relevante é a questão da voz/oralidade. Sobre isso, Zumthor nos mostra que:

A comunicação vocal desempenha, no grupo social, uma função exteriorizadora. Globalmente, ela permite que se escute o discurso, seja ele grave ou fútil, que uma sociedade pronuncia sobre si mesma a fim de assegurar sua perpetuação, e do qual a poesia oral é apenas um dos modos (ZUMTHOR, 2010, p. 33).

Segundo o mesmo autor, antes de a escrita surgir, a voz não tinha a função de descrever; isso era feito pelos gestos. É por isso que o texto, ao ser transmitido, torna-se fragmentário. Nesse sentido, “a performance poética oral se recorta como uma descontinuidade no contínuo: fragmentação ‘histórica’ de um conjunto memorial coerente na consistência coletiva” (ZUMTHOR, 1997, p. 59).

Zumthor discute ainda uma questão que é bastante pertinente para esta pesquisa: a dificuldade de se aceitar um texto escrito como sendo pertencente, inicialmente, a uma cultura oral. Mas o que acontece é que além de ter contato com

o texto escrito, deve-se tentar entender em que contexto ele foi produzido; por isso, a importância de se analisar a cultura à qual o texto pertence. “Uma tradição escrita pode ser inteiramente levada a uma tradição oral simultânea ou anterior, em virtude de verossimilhanças derivadas da história literária e, como tal, hipotéticas” (ZUMTHOR, 1997, p. 64).

E falando sobre cultura, que é essencial para assimilarmos um texto oral como tal, mesmo que seja escrito, Zumthor (1997, p. 65) define-a como: “um conjunto – complexo e mais ou menos heterogêneo, ligado a certa civilidade material – de representações, comportamentos e discursos comuns a um grupo humano, em um dado tempo e espaço”.

Nesse mesmo aspecto, Zumthor (2010) deixa clara a importância que as tradições orais têm na história da humanidade. Segundo ele, “as civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm graças a elas” (ZUMTHOR, 2010, p. 8). Assim, é improvável pensarmos na linguagem e não associarmos à voz, entendendo a *palavra* como linguagem vocalizada que é produzida por meio da emissão da voz (ZUMTHOR, 2010). Voz e linguagem, portanto, acabam se entrelaçando, aquela, por vezes, com a missão de resguardar, sobretudo, a cultura de um povo. Pensando nisso, Zumthor destaca que:

Os valores ligados assim à existência biológica da voz se realizam simultaneamente na consciência linguística e na consciência mítica religiosa, a ponto de ser difícil distinguir nisso duas ordens. Mas eles permanecem aí, não apropriados, moventes, ricos em conotações ambíguas, por vezes contraditórias, focalizados num bem pequeno número de esquemas que fogem à interpretação (ZUMTHOR, 2010, p. 13).

A respeito da oralidade, é válido ressaltar que a comunicação oral “estabelece um ato de autoridade; ato único, nunca reiterável identicamente. Ela confere um nome na medida em que o que é dito nomeia o ato feito, dizendo-o” (ZUMTHOR, 2010, p. 31). Nesse sentido, é que Zumthor aborda a *performance*, conceito pelo qual também versamos este trabalho, o qual equivale ao modo como uma mensagem é transmitida e percebida pelos ouvintes. “Na performance se redefinem os dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor ao autor; e aquele em que se unem a situação e a tradição” (ZUMTHOR, 2010, p. 31).

De acordo com o mesmo autor, são cinco as fases operacionais da performance: produção, transmissão, recepção, conservação e repetição. Nos

benditos populares e nas novenas, podemos observar, além das fases de transmissão e recepção, as de produção, conservação e, certamente, repetição, por ser esse gênero fruto, muitas vezes, de improviso e por possuir características próprias que o fazem carregar consigo a repetição de termos e estruturas.

Nesse mesmo contexto, é importante deixar claro que, como aponta Zumthor (1997), as formas quase nunca são estáveis e fixas. Podemos claramente perceber isso nos benditos populares que, apesar de possuírem estruturas semelhantes e que se repetem, sofreram e ainda poderão sofrer transformações ao longo dos anos.

A performance, por sua vez, segundo Zumthor (1997, p. 155), “pode ser considerada, ao mesmo tempo, um elemento e o principal fator constitutivo” do texto oral. Essa performance só pode ser observada se conseguirmos observar os fenômenos da recepção. Além disso, ela é responsável por determinar os elementos formais que constituem os textos pertencentes à oralidade. Ao analisarmos esses elementos, precisamos levar em consideração as convenções, as regras e as normas que fazem parte da poesia oral.

De acordo com Abrams, Dundes e Lomax (*apud* ZUMTHOR, 1997, p. 156), a performance

Designa um acontecimento social, criador irredutível a apenas seus componentes, durante o qual se produz a emergência de propriedades particulares. A importância desse acontecimento e das propriedades que ele manifesta se dimensiona, segundo d. Hymes, pela distribuição três características, das quais uma ou duas estão necessariamente na performance, mas jamais as três juntas: interpretabilidade, descritabilidade, interatividade.

Nesse viés, no texto cuja performance é livre, ou seja, não percebemos a poesia escrita e pode ser interpretado de várias formas, o nível conotativo dele é infinitamente variável. Já quando a performance é fixa, a tendência é que sua superfície seja imobilizada, que suas formas se mantenham fixas, constantes.

Toda performance comporta assim – em si, como fragmento ficticiamente isolado do tempo real – valores próprios, que talvez mudem, se invertam, a cada vez que a mesma canção for cantada: pouco importa, haverá sempre valores, mesmo que sejam de negação (ZUMTHOR, 1997, p. 158).

Levando em consideração que a presente pesquisa analisa textos orais, mas que, com a finalidade de estudo, o *corpus* coletado é escrito, é indispensável analisarmos o que Zumthor apresenta sobre o tempo da poesia oral. Segundo ele, a obra que faz transmitir mediante a performance irá, até mesmo pelas características que tal modalidade possui, escapar ao tempo, por isso, a importância de que haja um registro do material. Nesse sentido, ele aponta que há uma “falsa reiterabilidade”, a qual caracteriza a poesia oral e que, portanto, determina a sua conservação (ZUMTHOR, 2010, p. 257).

Apesar de contraditório, há duas práticas diferentes de se determinar a conservação da poesia oral: arquivamento ou memorização. O primeiro tipo possui vantagem de conservar e até fixar alguns elementos da obra, “para a corrente da oralidade, estanca-a ao nível de *uma* performance. Esta, estabilizada, perde aquilo que faz o movimento vital, mas conserva ao menos sua aptidão para suscitar outras performances” (ZUMTHOR, 2010, p. 258).

Sobre a memorização, o mesmo autor mostra que essa foi uma técnica utilizada durante muito tempo, por muitas sociedades, por ser um meio mais natural de se arquivar. Ainda acerca desse mesmo aspecto, Zumthor aponta que o texto oral pode ser considerado menos apropriado que o escrito, mas que constitui “um bem comum no grupo social em que é produzido” (ZUMTHOR, 2010, p. 258). No entanto, é válido salientar que uma obra oral, por ser passada de geração a geração com muita frequência, tem seus aspectos característicos permanentemente em mutação.

De fato, é muito fácil (observando os mecanismos de imitação pelos quais se acomoda e se perpetua uma sociedade) circunscrever *tradições*; muito menor fácil é definir a *tradição*. Sobrevoando a questão, considero, de preferência, a densidade do tempo social que, mais ou menos, a todo momento da duração, tende a neutralizar as contradições existentes entre o presente e o passado, entre o passado e o futuro (ZUMTHOR, 2010, p. 262).

Vale destacar, por fim, a efemeridade que a poesia oral possui, em virtude de que seus elementos (linguísticos, vocais, gestuais) são dinâmicos. Além disso, é importante assinalar que essa mesma poesia oral carrega em si traços característicos de uma sociedade. Sobre isso, Zumthor nos diz que:

O que revela de fato a voz do poeta é – duplamente – uma identidade. Aquela que traz a presença de um *lugar comum*, onde se cruzam os olhares; aquela também que resulta de uma convergência dos saberes e da evidência antiga e universal dos sentidos (ZUMTHOR, 2010, p. 265).

As considerações apontadas por Montenegro (2003) também nos são de grande valia. Segundo ele, a categorização de “popular”, “cultura popular”, “memória popular” possui várias origens, dependendo da época em que esteja inserido. Um dos aspectos, segundo esse autor, para se classificar algo como popular é que não esteja relacionado com a elite, já que esta é classificada como não popular. “Uma diferença entre a cultura que o povo possui e as elites, caracterizadas como autoritárias... pede explicitação, pois exige que indaguemos qual é sua natureza” (CHAUÍ *apud* MONTENEGRO, 2003, p. 11).

Em relação aos usos do “conceito de cultura”, Chauí (*apud* MONTENEGRO, 2003, p. 12) aponta que:

A cultura popular se caracteriza por um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria (o jogo interno do conformismo, do inconformismo e da resistência) distinguindo-se da cultura dominante de consciência.

Montenegro (2003) ressalta que o trabalho da história oral é de extrema importância para o registro histórico de uma sociedade. Por meio dessa cultura oral é possível conhecer a visão que os próprios indivíduos possuem de sua própria cultura. Sobre esse aspecto, Montenegro trata da problemática sobre a memória coletiva e histórica (p. 17). Para ele,

[...] enquanto a memória é múltipla, a história é uma e podemos dizer que não há senão uma história; por outro lado, a memória trabalha com o vivido, o que ainda está crescente no grupo, enquanto a história trabalha e constrói uma representação de fatos distantes, ou mesmo onde ou quando se encerra a possibilidade de encontrar testemunhos daquela lembrança (HALBWACHS *apud* MONTENEGRO, 2003, p. 17).

Apesar de elaborada e respaldada, Montenegro nos fala da visão ultrapassada de Halbwachs sobre memória e história. Sobre isso, ele acrescenta:

Sem dúvida, concordamos com Halbwachs quando estabelece uma distinção entre memória e história. Afinal, o vivido que guardamos em

nossas lembranças e que circunscreve ou funda o campo da memória se distingue da história. Entretanto, se são distintos, arcaríamos afirmar também que são inseparáveis. Afinal, compreendemos a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro (MONTENEGRO, 2003, p. 17).

Nesse sentido, Montenegro (2003) define que o campo da memória é constituído por meio de acontecimentos e fatos transformados em elementos fundamentais para a história. No entanto, a memória responsabiliza-se por resgatar as reações da vontade individual e coletiva; já a história tem como matéria-prima aquilo que se torna público.

No estudo dos benditos e das novenas, a distinção entre a memória e a história se faz muito importante, uma vez que se trata de textos pertencentes a uma cultura que se utilizou, por muitos anos, da memória como única forma de preservar características próprias e, assim, com o tempo, essas peculiaridades passaram a fazer parte de uma história. Por essa razão, Montenegro (2003) destaca que, mesmo sendo distintas ambas (memória e história) possuem suas relevâncias.

2.4 A QUESTÃO DO GÊNERO DISCURSIVO

Para a análise do presente trabalho, conhecer a definição de gênero discursivo torna-se imprescindível, uma vez que estamos trabalhando com gêneros [benditos e novenas] que são inseridos em um discurso. De acordo com Bakhtin (1995), a enunciação pode ser entendida como sendo o produto da relação social e, qualquer que seja o enunciado, este fará parte de um gênero. Para ele, em qualquer esfera da atividade humana, a língua é utilizada em forma de enunciado, os quais são concretos e únicos. E acrescenta:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade de uma língua (BAKHTIN, 1995, p. 248).

Bakhtin (1979) nos mostra, ainda, que aprendemos os gêneros ao longo de nossas vidas, a partir das vivências que temos como participantes de determinados grupos sociais. É pensando nisso que percebemos os benditos e as novenas como sendo gêneros pertencentes à esfera religiosa. Vale salientar que, esses gêneros possuem, por sua vez, esquemas (schèmes), características comunicativas que representam o modelo social de qual faz parte. Nessa perspectiva, o discurso e os gêneros são formados nas estruturas e processos sociais – é assim que o discurso deriva das instituições, e gênero das ocasiões sociais convencionalizadas em que a vida social acontece (cf. LINS, 2007).

2.5 A QUESTÃO DO FEMINISMO

Outra questão bastante peculiar, que deve ser abordada, mesmo que de forma breve, pois a intenção, neste trabalho, não é se deter nessa questão, é a visão da mulher na esfera religiosa e, sobretudo, a visão da mulher nos textos analisados.

Antes de iniciarmos qualquer análise, é importante destacarmos que a religião é fruto de manifestações do homem ser social e, portanto, são definidas a partir da cultura, do tempo e do espaço. Sobre isso, lembramos que a mulher possui um papel de suma importância e influência nessa seara.

A esse respeito, Nunes (2005) informa que é um equívoco pensar que a religião é algo característico da figura feminina. Para ela, ao contrário do que muitos podem pensar, a religião sempre foi um campo predominantemente masculino e sempre teve suas doutrinas criadas por homens. Segundo essa autora, a atuação das mulheres “dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso” (NUNES, 2005, p. 363).

Sobre isso, há várias passagens bíblicas que nos mostram que, em boa parte das religiões, as mulheres são vistas como seres inferiores, e que, por vezes, são culpadas de desviar os homens dos caminhos religiosos. Para comprovarmos isso, podemos ver algumas passagens bíblicas, como, por exemplo:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos (Efésios 5:22-24).

Porém, é importante destacar que essa visão de submissão da mulher foi levada em consideração a partir dos costumes e crenças da sociedade em que o corpus foi recolhido. Atualmente, algumas religiões, apesar de também considerarem a submissão do ser feminino, acreditam no poder da mulher e em sua capacidade reprodutiva, como o que completa o homem.

Nos cadernos analisados, percebemos que a mulher é retratada como aquela responsável pela oração, que a partir da fé leva para sua família e para a comunidade, o exemplo de devoção e intenção de purificação.

A partir do que vimos até o momento, sobre os pressupostos abordados como base para a pesquisa, passaremos, a partir do próximo capítulo, a trabalhar os aspectos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Capítulo 3

Traçar os passos a serem percorridos durante uma investigação científica é, em última instância, buscar imprimir maior segurança e economia ao projeto empreendido. É preciso, pois, saber aonde se quer chegar para que se possa escolher o caminho a seguir.

ZAVAM (2009, p. 28)

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, faremos um apanhado geral de como se deu o processo metodológico para a realização desta pesquisa, apresentando os dados, os autores responsáveis pela escrita dos benditos e das novenas, como também a descrição do *corpus* utilizado.

Sobre a metodologia da pesquisa, Silva e Menezes (2005, p. 9) apresentam uma analogia bastante interessante, que compara a pesquisa ao trabalho de um cozinheiro, no sentido em que “ao preparar o prato, o cozinheiro precisa saber o que ele quer fazer, obter ingredientes, assegurar-se que possui os utensílios necessários e cumprir as etapas requeridas no processo”. Com essa analogia, o que se quer deixar claro é que para que uma pesquisa obtenha sucesso é preciso que o pesquisador disponibilize-se a organizar todo o procedimento necessário para que a pesquisa seja completada com sucesso.

Nesse sentido, Silva e Menezes citam Garvey (1979) apontando que, para este autor, o processo de comunicação científica se dá desde o momento em que o pesquisador teve a ideia de pesquisar determinado objeto até o momento em que são apresentados os resultados do trabalho que ele se propôs a desenvolver.

Por sua vez, Minayo (1993 *apud* SILVA; MENEZES, 2005, p. 19), aborda a pesquisa como uma

[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

Já Gil (2006, p. 42) apresenta seu conceito de pesquisa. Para ele, a pesquisa consiste em um processo que leva ao método científico e tem como objetivo a descoberta de respostas a problemas a partir de procedimentos científicos. A partir desse conceito inicial, o mesmo autor formula um conceito de pesquisa social, o qual usaremos para a nossa própria pesquisa: “processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 2006, p. 42). Nessa perspectiva, vale salientar que

realidade social é entendida como sendo pertencente a aspectos relacionados com o homem, em diversos meios e instituições sociais.

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos um modelo *de pesquisa básica*, o qual, segundo Silva e Menezes (2005, p. 20), “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20).

Sobre esse mesmo aspecto, Chizzotti (2003) comenta que atualmente a pesquisa qualitativa alcança um campo transdisciplinar,

[...] envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quando interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2003, p. 212).

Apesar de a pesquisa social ser marcada por estudos que valorizam os métodos quantitativos a fim de explicar os fenômenos estudados, ultimamente, a pesquisa qualitativa tem-se feito presente e é bastante satisfatória para os estudos sociais e para a linguística. A linha de pesquisa em Estudos da Linguagem, da qual faço parte na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é um exemplo de que essa vertente vem sendo desenvolvida com mais ênfase ao longo do tempo.

Alguns autores, aqui já citados, como Sá Júnior (2006; 2010) e Zavam (2009) já contribuíram bastante para o desenvolvimento de pesquisa nessa área. O primeiro, por exemplo, aborda, em um de seus trabalhos, a questão da Tradição Discursiva na tradição oral, a partir da análise das correspondências trocadas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Zavam, por sua vez, faz, em um de seus estudos, a análise das TD a partir da análise de editoriais de jornais.

3.1 ORIGEM DO *CORPUS*

A fim de compreender melhor a cultura do município onde recolhemos o *corpus* a ser analisado, faremos uma breve retomada histórica do local, para compreendermos a influência da história externa no uso dos benditos e novenas populares.

Lajes é um município do Estado do Rio Grande do Norte com uma população de 10.381 (IBGE, 2010), cuja área da unidade territorial é de 676,623 Km², segundo dados do IBGE (2010). Segundo o Instituto, a história desse município teve início na data de 1828, quando uma fazenda que pertencia a Francisco Pedro de Gomes Melo deu o sinal do primeiro povoamento na região.

No ano de 1914, a fazenda Lajes, como era denominada a cidade de mesmo nome, passou a ser conhecida como Vila, pertencente, até então, ao município de Jardim de Angicos.

A cidade de Lajes teve sua emancipação política no ano de 1923, tendo como principal atividade agropecuária a criação bovina. Por estar situada nos caminhos que levam ao sertão, a cidade serviu por muito tempo como ponto de encontro de muitos boiadeiros que viajavam pelo estado do Rio Grande do Norte.

Quanto ao nome da cidade, deve-se aos lajedos de pedra que faziam parte de seu entorno. No ano de 1943, a fazenda passou a chamar-se Itaretama, significando Pátria das Pedras (em Tupi Guarani), voltando a chamar-se Lajes em 11 de dezembro e 1953.

A cidade foi governada pela primeira mulher prefeita da América Latina, Alzira Soriano. Nos anos 1930, com a construção da estrada férrea federal, o município teve sua economia impulsionada, com a construção de casas de comércio e de indústrias de pequeno porte. Posteriormente, com a construção da Rodovia BR – 304 e com a chegada do Batalhão de Engenharia e Combate, Lajes viveu mais um período de crescimento econômico. Atualmente, a economia do município baseia-se na caprinocultura leiteira, em virtude de seu clima e solo adequados.

A partir do que foi mencionado até o momento, veremos, no próximo tópico, a descrição dos dados seguindo-se da análise do *corpus*, no quarto capítulo.

3.2 DESCRIÇÃO DOS DADOS

O *Corpus* é composto por cinco cadernos, escritos à mão, recolhidos no ano de 2009. O caderno I contém 21 benditos. O caderno II é composto por 22 textos, sendo estes divididos em benditos, hinos e novenas. O caderno III apresenta 36 textos, sendo subdivididos em novenas e benditos. O caderno IV contém 47 textos, sendo estes benditos e novenas. Por fim, o caderno V apresenta 15 textos (benditos e novenas).

Vale ressaltar que analisamos os hinos, as Jaculatórias² e todas as outras partes da novena não de forma separada, mas os visualizando como pertencentes a um gênero maior, a novena, que também será analisada. Por isso, quando falarmos em alguns desses termos, estamos nos referindo aos mesmos benditos e novenas.

Para a realização da pesquisa, analisamos tanto os benditos quanto as novenas, fazendo as devidas relações entre ambos os textos. Além disso, destaca-se que os textos foram transcritos desde o início da pesquisa, quando da Iniciação Científica.

Em relação aos benditos e às novenas, é importante mencionar que possuem características semelhantes, uma vez que são textos pertencentes à cultura oral, utilizados em rituais religiosos. Fizemos a seleção de tais textos, para o presente estudo, pois já trabalhava com eles na Iniciação Científica e, sobretudo, por fazer parte da cultura cristã.

O *corpus* inicialmente coletado foi de benditos e novenas, de vários tipos, divididos em 5 cadernos, subdivididos em 20 exemplo (Ver Anexo 1).

O objetivo inicial era fazer a análise de todos os textos recolhidos, todavia, durante o processo de estudo para a realização deste trabalho, chegamos à conclusão de que, para um melhor entendimento e organização da pesquisa, o mais viável seria investigar o processo de formulaicidade de alguns desses textos. Assim, para fazermos uma melhor análise, optamos por analisar os textos relacionados com Nossa Senhora, já que a variedade de benditos e novenas sobre esse tema é consideravelmente grande. A partir desse recorte, optamos por analisar o processo

² As Jaculatórias são orações curtas que os católicos utilizam em suas orações, no começo ou final dessas, geralmente, em novenas. Vale salientar que, no presente trabalho, não fazemos a distinção entre hino e Jaculatória, mas os utilizamos como textos que fazem parte da novena.

de formulaicidade presente nos benditos e nas novenas de Nossa Senhora e benditos e novenas do mês de maio.

Inicialmente, a dúvida era se o *corpus* coletado seria suficiente para o desenvolvimento da pesquisa, no entanto, durante o processo de análise, vimos que para o objetivo desta pesquisa, o *corpus* é, sim, suficiente, já que pretendemos fazer uma análise e estudo qualitativo, de forma sincrônica, sobre os processos formulaicos presentes nos textos recolhidos da comunidade de Lajes. Para um trabalho futuro, quem sabe, cabe analisar outros aspectos relacionados com o assunto. Como essa etapa de recolhimento e demarcação de *corpus* já foi vencida, cabe, então, iniciarmos a análise propriamente dita.

Capítulo 4

Bendito e Louvado seja

A luz que mais alumeia

Me valha, meu padrinho Cícero

E a mãe de Deus das Candeias.

Bendito dos Romeiros de

Padre Cícero

(Autoria desconhecida)

4 ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, apresentaremos a análise do *corpus* recolhido para o presente estudo, destacando as características dos gêneros textuais bendito e novena, observando a questão da oralidade, da formulaicidade, e analisando como se dá o processo de repetição neles encontrados, além de destacarmos mais aspectos relevantes observados com a análise dos textos.

4.1 O BENDITO E AS NOVENAS

A partir do que vimos até o momento, é interessante salientar que os textos selecionados para análise deste trabalho não foram escolhidos ao acaso e não estão 'soltos'. Ambos fazem parte da mesma situação comunicativa, sendo suas definições já trabalhadas anteriormente.

Para reforçar a observação analítica da novena, trazemos, aqui, as contribuições de Júnior e Mendes (2007). Como o próprio nome já sugere, as novenas fazem parte de uma prática religiosa católica que são feitas no período de nove dias, geralmente, a um/a Santo/Santa do/a qual se utiliza como intermédio para se alcançar Deus em pedidos por alguma causa específica. “O nome novenas advém do fato da referida manifestação religiosa se realizar numa sequência de nove (9) dias consecutivos” (JÚNIOR; MENDES, 2007, p. 2), que podem ou não ser acompanhados por festejos. Também Sá Júnior (2009) observa que estudar os benditos e as novenas populares é estudar, inicialmente, o catolicismo popular, que se configura de forma diferente do catolicismo institucional, aquele tem uma direta relação com o povo, com os devotos, por meio de uma cultura popular, enquanto este se direciona para os padres e a instituição “igreja”.

Quanto à questão do gênero textual, pode ser entendido como uma representação da sociedade na qual está inserido, tendo como base sua adequação aos diversos tipos de comunicação. Sobre isso, trazemos a definição elaborada por Bakhtin, o qual postula que a comunicação se dá por meio dos gêneros textuais, embora os falantes não percebam isso.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Nesse sentido, Bronckart (1999, p. 73-74) faz uma ressalva em relação à relativa inconstância dos gêneros: “alguns gêneros tendem a desaparecer [...], mas podem, às vezes, reaparecer sob formas parcialmente diferentes; alguns gêneros modificam-se [...]; gêneros novos aparecem [...]”. A partir do que nos mostra Bronckart, podemos relacionar essa ideia com o que nos apresenta Kabatek (2006), com a repetição, estilo que podemos ver marcadamente nos benditos populares e nas novenas.

A partir do que vimos sobre a compreensão do gênero textual, Cascudo (2000, p. 118) apresenta uma definição sobre os benditos: “Os benditos são cantos religiosos com que são acompanhadas as procissões e, outrora, visitas do Santíssimo. Denomina o gênero o uso da palavra ‘bendito’, iniciando o canto uníssono”. Na análise do *corpus* percebemos que esta “fórmula” não se aplica mais, uma vez que verificamos vários textos que não apresentam o termo “bendito”, mas que se caracteriza como tal. As novenas, por sua vez, são encontros católicos destinados à oração realizadas em um período de nove dias. Segundo a crença religiosa, essa tradição iniciou-se com a ascensão de Jesus ao céu e com a descida do Espírito Santo, tendo os fiéis cristãos se reunido ao redor de Maria e dos apóstolos, durante nove dias.

A partir dessas características, no tópico seguinte, discutiremos algumas das propriedades encontradas na análise desses textos.

4.2 A ORALIDADE E A FORMULAICIDADE NOS BENDITOS E NAS NOVENAS

A terminologia “Literatura Oral” foi criada em 1881, por Paul Sébillot. De acordo com Cascudo (1978), esse tipo de literatura limitava-se a provérbios, a adivinhações, a contos, a frases-feitas, a orações, a cantos e, somente depois, alcançaram novos horizontes.

Cascudo (1978, p. 22) destaca que uma das características principais desse tipo de literatura é a “persistência pela oralidade” e que são duas as vertentes que a mantêm viva: “uma exclusivamente oral, resume-se na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de rodas [...] e a reimpressão” (CASCUDO, 1978, p. 22).

Ele nos traz ainda a ideia de que apesar de ser impresso, há características marcantes que fazem com que determinado texto seja pertencente à literatura oral. “Foi feita para o canto, para a declamação, para a leitura em voz alta. Serão depressa absorvidos nas águas da improvisação popular, assimilados na poética dos desafios, dos versos, nome vulgar da quadra nos sertões do Brasil” (CASCUDO, 1978, p. 22).

Para os estudos dos benditos e das novenas, também foi de grande valia a definição de tradição, de acordo com Cascudo. Segundo ele, “entende-se por tradição, *traditio*, *tradede*, entregar, transmitir, passar adiante, o processo divulgativo do conhecimento popular ágrafo” (CASCUDO, 1978, p. 27).

Ao longo dos anos, com o estudo de vários gêneros da literatura oral, percebeu-se que não se trata de elementos simples. Como adverte Cascudo (1978, p. 33), “[...] conhece-se a dificuldade máxima em fixar o raro ‘local’ e o fugitivo ‘nacional’ no que dizíamos ‘próprio’ e mesmo característico”. E ele acrescenta (CASCUDO, 1978, p. 51), “[...] canto, dança, mito, fábula, tradição, conto, independem de uma localização no espaço. Vivem numa região, emigram, viajam, presentes e ondulantes na imigração coletiva”.

Em relação às características da narrativa popular, Cascudo informa que a maioria das prosas da literatura oral precisa de uma ambientação particular. Não à toa, grande parte das histórias é narrada ao início da noite, pois “não apenas se explicará a escolha desse horário pelo final da tarefa diária, como igualmente por ser indispensável a atmosfera de tranquilidade e de sossego espiritual para a evocação e atenção do auditório” (CASCUDO, 1978, p. 235).

A partir do que Cascudo discute sobre a literatura oral, apresentamos as considerações de Dias (2013) sobre o processo de formulaicidade no texto, ponto chave para a presente pesquisa. De acordo com Motta e Salgado (2011 *apud* DIAS, 2013), salientamos a ideia de que o falante carrega o movimento ao produzir seu dizer, sendo este cristalizado, com o passar do tempo. Esse dizer acaba circulando entre os falantes e, desse modo, o discurso acaba modificando-se, passando a compor formas linguísticas estáveis. Vale ressaltar que apesar de, por vezes, apresentar estabilidade, tais formas linguísticas sofrem constante processo de mudança ao longo do tempo.

Sobre a formulaicidade, ainda, Dias (2013, p. 82) explica que “sua composição é nômade e movente em meio à circularidade social”. A mesma característica pode ser observada nos benditos e nas novenas estudados na presente pesquisa. Esses podem ser considerados como textos pertencentes à cultura popular, que apresentam repetições variadas, que servem, na maioria das vezes, de pedido, mas que também servem para agradecer e mostrar devoção.

Nesse sentido, Júnior e Mendes colocam a importância de se estudar a questão histórica e a memória. “A história começa onde a memória social acaba e a memória social acaba quando não tem mais como suporte um grupo. Ou seja, a memória social é sempre vivida física ou efetivamente” (D’ALÉSIO, 1993 *apud* JÚNIOR; MENDES, 2007, p. 272). Desse modo, o grupo social é aquele que guarda, armazena a memória coletiva, tendo em vista o fato de que a memória, mesmo a coletiva, pode vir a desaparecer, com o passar dos anos. Por conseguinte, é essencial o registro escrito. É por esse motivo que o *corpus* por nós utilizado nesta pesquisa tem caráter escrito.

Em relação às repetições, podemos dizer que, de acordo com Jubran (2010), elas, a partir do momento que assumem uma característica formulaica, passam a constituir-se como um processo e, assim, contribuem para a construção textual, evocando, desse modo, uma Tradição Discursiva (TD).

A concepção de TD destaca a intermediação das práticas sociais de interação na produção textual, pois se assenta na consideração de que a atividade verbal, com um objetivo comunicativo concreto, atravessa dois filtros concomitantes, para chegar ao produto dessa atividade, o enunciado. O primeiro corresponde à língua, como sistema gramatical e lexical, e o segundo às Tradições Discursivas. O traço definidor das TDs é a relação de um texto, em dado momento da história, com outros textos anteriores, com repetição

total ou parcial deles, ou de uma forma textual, ou de uma maneira peculiar de escrever ou falar. A repetição, por estabelecer essa relação de união entre atualização e tradição, tem por contrapartida a evocação de TDs: gêneros textuais, formas linguísticas, elementos de conteúdo que filiam um texto a uma família de textos com características comuns (JUBRAN, 2009).

A partir dessas observações, no tópico seguinte, abordaremos o processo de repetição encontrado nos benditos e nas novenas.

4.3 O PROCESSO DE REPETIÇÃO PRESENTE NOS BENDITOS E NAS NOVENAS

Ao iniciarmos a análise do *corpus* selecionado, um dos pontos que logo percebemos foi a questão da repetição. Para isso, foi importante pesquisarmos a respeito, e sobre o tema em Lopes [1997], que nos deu contribuições favoráveis.

Existem vários tipos de repetição. De acordo com Lopes [1997], elas podem ir desde uma tautologia até uma reiteração fonológica. Nesse sentido, Marcuschi (1992, p. 2) explica que a repetição consiste na “produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito do um mesmo evento comunicativo”. Apesar de as contribuições de Marcuschi serem utilizadas para a conversação, cremos ser importante trazer a noção dele sobre a repetição, pois, pode ser aplicada, sem prejuízo de entendimento, no trabalho aqui desenvolvido.

Para tanto, vale salientar que, de acordo com Lopes [1997], nesse caso, não importa o tamanho da parte que sofre a repetição. Assim:

A repetição nada mais é do que a recorrência intencional, com ou sem variações, de unidades linguísticas formais, ou semânticas, num determinado enunciado. [...] a identidade da repetição está na natureza do elemento repetido e na intencionalidade de quem repete (LOPES, 1997, p. 3).

É importante destacar que a repetição não é utilizada ao acaso. Ela tem uma função específica, carrega até uma carga emocional considerável. A esse respeito,

foi Aristóteles quem trouxe as primeiras considerações. De acordo com Lopes [1997], ao estudarmos a questão da repetição, podemos perceber que seu objetivo é

[...] ativar a imaginação, sustentar uma ideia ou pensamento por um determinado tempo, imprimir uma imagem na mente mediante o martelar constante de determinadas palavras ou frases e até, conforme o caso, persuadir o receptor da mensagem, envolvendo-o emocionalmente (LOPES, 1997, p. 4).

É importante a observação que Lopes faz em relação ao fato de que a palavra que se repete não é, necessariamente, igual à outra, pois cada uma carrega um valor, um sentido específico, um motivo pelo qual se justifica a repetição. Assim sendo, como já mostrado, o que define a Tradição Discursiva é a repetição de algo que possui significado, estabelecendo-se uma relação entre o tradicional e o atual.

4.4 ANÁLISE DOS BENDITOS E DAS NOVENAS

A partir deste momento, pretendemos apresentar os aspectos analisados no *corpus* recolhido, fazendo uma análise de cada caderno e, dessa maneira, apresentando os detalhes mais relevantes para a pesquisa.

A seguir, analisaremos cada caderno e, em anexo (Anexo 1), disponibilizaremos o levantamento de todas as expressões relacionadas com Nossa Senhora.

4.4.1 Análise do Caderno 1

O Exemplo 1 (Bendito de Santa Luzia), disponível no Caderno 1, apresenta as seguintes expressões que fazem referência a Nossa Senhora:

1. Espelho de virgindade
2. Senhora Santa Luzia
3. Senhora Santa Luzia

4. Senhora Santa Luzia
5. Senhora Santa Luzia
6. A virgem da Conceição
7. Senhora Santa Luzia
8. Virgem Maria
9. Senhora Santa Luzia
10. Lucia prodigiosa

Dessas expressões, podemos perceber que há uma delas que se repete 6 vezes: Senhora Santa Luzia. Observando o bendito como macroestrutura, podemos verificar que se trata de um texto que possui 8 estrofes, cada uma contendo 4 versos, os quais possuem um ritmo constante, com as primeiras estrofes tendo rima nos versos dois e quatro.

A litania³, como chama Zumthor (2010), tem início com um louvor de adoração à Santa Luzia, demonstrando a alegria que se sente ao entoar o canto. É válido ressaltar que Santa Luzia é conhecida como a Santa protetora dos olhos, janela da alma, canal de luz.

| I | Bendito lovado seja | Na terra tanta alegria | Espelho da virgindade |
 Senhora Santa Luzia
 || II | Cantemos todos cantemos | todos com
 Muita alegria | Adoramos todos juntos | Senhora Santa Luzia

Mais adiante, percebemos que os devotos colocam-se como pecadores, reconhecendo a submissão em relação ao ser santificado. Reconhecendo isso, os fiéis pedem a proteção de Santa Luzia.

III | Nós pecadores chamamos | Jesus, José, e Maria | Chamamos cegos da
 vista | Senhora Santa Lucia || IV | toda vida andei errada | Com tão grande desmazia
 | Busco agora vosso amparo | Senhora santa Luzia || V | A virgem da Conceição |
 Ela seja a nossa guia | Rogai por nós pecadores | Senhora Santa Lucia ||

³ Também conhecida como ladainha, a litania é uma forma de oração, utilizada pelos cristãos católicos, a qual consiste em uma série de preces realizadas em estrutura responsiva.

É interessante perceber ainda que os fiéis louvam, adoram, pedem pensando na morte. Isso se justifica pelo fato de que os fiéis cristãos possuem a crença de que só alcançarão os reinos dos céus se aqui na Terra a sua conduta for boa o suficiente, por isso eles precisam da interseção de um santo, nesse caso, de Nossa Senhora, para que, reconhecendo seus pecados, sejam dignos de subir aos céus.

V | A virgem da Conceição | Ela seja a nossa guia | Rogai por nós
pecadores | Senhora Santa Lucia |

Depois disso, os fiéis oram para que Santa Luzia proteja os seus olhos. Podemos analisar essa proteção de vários aspectos. Primeiro, o mais óbvio, que se trata do aspecto de cuidar mesmo dos olhos, doentes por algum motivo. Outra análise seria para que a Santa cuidasse dos olhos para que os fiéis possam enxergar a vida com outra visão, de menos pecado. Isso se justifica, por exemplo, com a última parte do bendito, quando os fiéis pedem para que a Santa proteja as suas almas.

VI | Dainos o céu por descanso | Permita a virgem Maria | Livrarnos de dor
de olhos | Senhora Santa Lucia [fol. 2r]

VII | Lucia prodigioza | Sois Sombra da castidade | tende dor de nossos
olhos | Daí nos Luz e claridade || VIII | Pede a Santa Lu[ratura]zia | E ao coração de
Jesus | Salvação pra nossos almas | para Sempre amém Jesus

|| Fim 17 – 12 – 82 | José |milson ||

No trecho em destaque, podemos perceber que as expressões encontradas referenciando Nossa Senhora servem como uma espécie de estratégia para preparar o ambiente para o pedido que se deseja realizar.

As repetições, por sua vez, não se encontram de forma aleatória. O termo “Senhora Santa Luzia”, que se repete 6 vezes no mesmo bendito, é utilizado nas 6 primeiras estrofes do bendito, sempre ao final de cada uma delas. Isso pode significar para o fiel a ideia de que por meio dessa repetição ele irá alcançar os

“ouvidos” da Santa e, por outra ótica, significar que ele não esquece, em momento algum, para quem ele louva/roga. Ocorrências de referência a Nossa Senhora no mesmo bendito: Espelho da Virgindade = 1, Senhora Santa Luzia = 6, A virgem da concepção = 1, A virgem Maria = 1, Lúcia prodigiosa = 1.

O mesmo bendito, com características idênticas às tratadas anteriormente, tem ocorrência nos cadernos 3 e 4. No caderno 4, o bendito aparece dentro de uma novena, após o “Bendito de São Severino e antes do “Bendito de Nossa Senhora”. Se formos analisar esses benditos, podemos perceber que eles apresentam, inicialmente, uma louvação, seguindo-se de um reconhecimento do pecado e, por fim, um pedido.

O Exemplo 2 (Bendito de Nossa Senhora), também presente no Caderno 1, apresenta-se, estruturalmente falando, um pouco diferente do bendito analisado no mesmo caderno. Este está dividido em 10 estrofes, cada uma contendo 4 versos. Há a mesma estrutura de rimas de versos, sendo que neste bendito todas as estrofes apresentam rimas nos versos 2 e 4, ficando a estrutura da seguinte forma: ABCB.

Além disso, somente 4 estruturas fazem menção, diretamente, à Nossa Senhora: Virgem Senhora; Mãe de Piedade; Virgem Maria e Senhora. Diferentemente do bendito de Santa Luzia, este bendito já tem início com um pedido, que mais se assemelha a uma súplica, pelo tom das palavras utilizadas:

Bendito N: Senhora | I | O Virgem senhora | mãe de PI e dade | Livrainos das penas | Da eternidade

Mais adiante, é possível perceber que há a continuidade da súplica, mostrando que, para o fiel, a eternidade é algo sofredor; há, em seguida, o pedido para que sejam dados aos fiéis bons pensamentos, que eles se façam bons fiéis. Nesse trecho, depreende-se a ideia de total submissão ao ser santificado. Há o reconhecimento de que quem não é santo é pecador e isso é um sofrimento contínuo.

|| II | Por esse Senhor | Que tendes nós braços | Pelas vossas dores | Dirigi meus passos | eu | III | Dirigi meus passos | De maus pensamentos | Devoção eterna | Daime sentimentos || [Rasura] [Rasura] [fol. 2v]

IV | Daime Sentimento | Daime contrição| A brazai de amor | Este coração ||
 V | Este coração | Ingrato e traidor | I tão [rasura] desleal | Ao meu redentor ||

Mais adiante, verifica-se que, por meio da história de crucificação de Cristo, eles (os fiéis) buscam se espelhar e sacrificar certas coisas da vida para que, assim, possam se tornar mais próximos dos santos.

VI | Ao meu redentor | Que pra nos Salvar | No lenho da cruz | Deixou _ se cravar. || VII | Deixou _ se cravar | Entre dois ladrões | pra saestifazer |por nossas paixões|| VIII | As nossas paixões | O Virgem Maria | Desterrai Senhora | por vossa volia || IX | Por vossa valia | I por vosso amor | Alcançai – nos Senhor || X |Com nosso Senhor | Com vosco também | Livrai_ nos a glória
 para sempre Amém Fim [fol. 3r]

É importante destacarmos que todas essas súplicas são oferecidas a Nossa Senhora porque ela é um espelho, um exemplo de pureza, de virtude para os fiéis, principalmente para as mulheres. Trata-se de uma mulher que, historicamente falando, concebeu um filho sem pecado, que foi (e é) exemplo de mulher, de mãe, de esposa.

Os mesmos benditos, com as mesmas características, podem ser observados nos cadernos 3, 4 e 5. No caderno 3, esse bendito encontra-se junto com outros benditos, enquanto que no caderno 5, ele está inserido em uma novena. Essas características, no entanto, não o tornam diferente dos demais. Nesse bendito, há uma qualificação da Santa, seguindo-se de uma súplica e um pedido/prece.

4.4.2 Análise do Caderno 2

O caderno 2 é composto por novenas, sendo duas que se referem a Nossa Senhora. Na primeira novena, Exemplo 3, há uma Oração Preparatória, que apresenta várias repetições referenciando a santa:

1. Nossa Senhora
2. Nossa Senhora

3. Gloriosa Nossa Senhora
4. Nossa Senhora
5. Gloriosa Nossa Senhora

Em seguida, há uma Jaculatória, com expressões semelhantes:

1. Minha Nossa Senhora
2. Nossa Senhora
3. Nossa Senhora

Seguindo-se de uma Oração de Salve Rainha, com as seguintes expressões:

1. Mãe toda divina
2. Cheia de graça
3. Estrela matutina
4. Senhora
5. Luz pura
6. Divina Maria
7. Mãe de ternura
8. Senhora
9. Mãe do criador
10. Senhora
11. Templo de trindade
12. Mãe de Deus

A partir da análise e dos termos extraídos, percebemos que na Oração Preparatória, como o próprio nome já sugere, o fiel se prepara para purificar e reconhecer seus pecados para, em seguida, prosseguir com a oração. No início, é possível perceber que é por intermédio de Nossa Senhora que os fiéis querem alcançar o coração de Deus.

|| Onipotente e e terno Deus | que pelo meriçimento | de Nossa Senhora
vos ofere- | ço estas suplicas o rações | de vos ter obitado o puder | divino de
levar sobre os - | ombros a madeiro tão pezado |

E por esse motivo há tantas expressões repetidas, para que aquilo que é
pedido seja firmemente reconhecido.

Nossa Senhora aqui çhego | a vossos péz divino amais | amavel criatura
qual não | existe outra filha que vem | buscar a casa de vosso pai | ou gloriosa
Nossa Senhora |

Verifica-se que a todo tempo o fiel se percebe como pecador, como no
trecho a seguir:

minha dor fôra tão grande | que correspondera as ultimas | ofenças com que
vos tenho |tratado pois tenho vivido | nas minhas maldades | mais certa de que não |
despresai nossa Senhora |

E se colocando como submisso, aproveita e pede o perdão:

com o coração çheio de doçura | ou glorioza nossa Senhor | não me negues
o perdão por - | que eu contrita arrependida | na ultima de minha alma || vire [fol. 1v]
Me peze de vos ter ofendido | por serdes vós quem sois | digno de ser
amado sobre | todas as coizas proponho | firmimente a judar com | o auxilio de
vossa divina | graça nunca mais ofender | perdo ai – me pela vossa infini_ | ta
misericordia assim seja | amem . Fim ||

Em seguida, há a Jaculatória, que se assemelha bastante à Oração
Preparatória:

jaculatoria || Minha Nossa Senhora | A qui adorar vós venho | com upeso das
minhas | culpas com quem ofendido | vós tenho P. N. G. V. || A çeitai Nossa Senhora

| Meus afetos virtuoso | Em que venho recordar | Vossos passos dolorosos . ||
[rasura] Vire [fol. 2r]

Nossa Senhora P. N. a v . | Açetai estas preses oração | Que são rezadas |
Em vossa doce tenção ||

Já a oração da Salve Rainha vem com o intuito de qualificar a Santa para a qual se dirige a novena. Por esse motivo, nessa oração, iremos perceber um grande número de adjetivos, justamente pelo fato de que é por meio deles que os fiéis irão dar qualidades à santa.

Salve mãe toda divina | Salve ó cheia de graça | Salve estrela matutina |
Reposta 1º || Salve do mundo Senhora | Salve do çõe a luz pura | Salve a divina
Maria | Salve a mãe de ternura | 2 | Salve do mundo Senhora | Salve mãe do criador
| Venha na vossa bondade | Teu poder é teu a mor | 3 | Salve do mundo Senhora |
Salve o templo da trindade | Sentiu sempre teus votos | Teu amor tua bondade | 4 | A
mãe de Deus escolheu | Da quela palavra e terna | Assim libera tiadora | Como
espoza sua eterna | 5 Fim [fol. 4r]

Após essa oração, há o Exemplo 4 (Hino da padroeira), o qual também apresenta termos qualificadores. Analisaremos outras novenas, mas esse é o único Hino da Padroeira, portanto, encontrado somente no Caderno 2, que aparece no *corpus* estudado.

Hino da Padueira || gloria gloria virgem pura | Salve augusta caridade | gloria
mãe toda ternura | Padueira da sidade | 1 ° | Nossa senhora | Mãe bela i rosa | Que
Deus conserva | No seus Rosais | Mandai a terra | De pais erguioso | a vossa
benção | Cheia de paz | 2 | Nossa Senhora | Manhã sagrada | Que surgiu sempre |
Para jesus | a nossa vida | Noite serrada | Mandai um Raio | Di vossa luz | 3 | Nossa
Senhora | Templo preçiozo || vire [fol. 4v]

Da nossa crença | Branco sem véu | as nossas almas | Tristes é penozas | a
bris as portas | Tizouro do çéu | 4 Fim [rasura] | [rasura]

Em seguida, na mesma novena, podemos perceber quatro benditos intitulados: “Bendito do mês de Maio”, Exemplo 5. Analisando o que há de semelhante em ambos, percebemos que, estruturalmente falando, trata-se de cantos que apresentam entre 6 e 8 estrofes, sendo que em todos, cada estrofe apresenta 4 versos. Esses versos possuem as mesmas rimas já vistas até o momento: ABCB.

Ademais, ambos os cantos procuram qualificar Nossa Senhora, apresentando diversos adjetivos que sejam dignos de qualificar a santa. Uma característica interessante que podemos observar é que todos esses cantos fazem menção à expressão “flor/rosa”. Nesses benditos, podemos perceber que a flor/rosa é utilizada como algo que representa alegria, felicidade; algo que está diretamente ligado aos festejos e, principalmente, a Nossa Senhora.

De flór se enche o prado | na mais puçível alegria | Para ensinar os festejos |
Do Santo mez de Maria

Há, nesse trecho, a recorrência ao termo “Virgem”, presente na maioria dos benditos analisados. Essa repetição é utilizada como forma de intensificar a oração. Além disso, vemos essa ocorrência como uma projeção utilizada pelos fiéis para tomar de exemplo a Virgem Maria, a qual foi, além de fiel, pura em todos os momentos. Nesse cenário, a virgindade é algo que foi instituído pela sociedade e possui aspectos socioculturais muito relevantes em algumas comunidades, em especial nas religiosas. Nesse âmbito, a virgindade está diretamente ligada à questão da pureza. Para os cristãos, Maria foi a única mulher que deu à luz sem perder a virgindade, por isso o uso do termo Virgem é utilizado com tanta frequência.

Na mesma novena, há a litania “Despedida de Maio”, Exemplo 6. Trata-se de um hino de despedida do mês dedicado a Maria, o mês de Maio, com as seguintes ocorrências referindo-se a Nossa Senhora:

1. Virgem do livramento
2. Minha mãe querida
3. Mãe de Deus
4. Mãe de Deus
5. Virgem sempre pura

6. Virgem do livramento
7. Mãe de Deus
8. Virgem do livramento
9. Mãe compassível
10. Mãe de Deus
11. Melhor mãe
12. Virgem mãe de Deus

Logo no início do canto, há a despedida do mês mariano, deixando claro que se trata de um mês dedicado a Maria.

Despidida de Maio || a deus virgem do Livramento | a Deus minha mãe querida | a tê em Maio para o ano | Si vos nos conseder vida | 1º | Findou-se o mez de [rasura] Mariano | Dedicado a mãe de Deus | Vei [rasura] nos deixar saldades | A Deus minha mãe a Deus

Mesmo na despedida, percebemos o pedido de atendimento às preces feitas durante a novena, principalmente em relação ao livramento das coisas ruins do mundo.

2º | O virgem sempre pura | Ouvi terno assistentes | A tendei as nossas presis | A Deus virgem do Livramento . | 3 | Para que possa-mos sempre | Alcançar grande Vitoria | Contra as tentação do mundo | A Deus minha mãe a Deus | vire 4 [fol. 9v]

Emtoar nossos Louvores | Sempre com bom pensamento | Permitai - nos para o ano | A Deus virgem do Livramento | 5 | I si não mãe compaçivel | A colhei - nos lá no çeõ | Si antes disto firmar - mos | A Deus minha mãe a Deus . | 6 | Dignai - vos a seitar | Dos vossos devotos a lentos | um a Deus por despedida

Por último, percebemos a tristeza dos fiéis em se despedir de todo um mês de oração e devoção.

7 | Saindo desta capela | Di melhor mãe filhos seus | Digamos triste sentido |
A Deus virgem mãe a Deus . | 8 Fim. |

Após a “Despedida de Maio”, há o “Hino com minha mãe estarei”, Exemplo 7. Este hino é bem peculiar, pois é como se o fiel se projetasse, já após a morte, junto a Nossa Senhora, não esquecendo de sempre se colocar como pecador e, assim, conhecedor dos pecados, por isso a expressão “com minha mãe estarei” repete-se tanto.

Hino com minha mãe estarei || Com minha mãe estarei | Na çanta gloria um
dia | junto a virgem Maria | No ç~u triunfarei . || vire [fol. 10r]

A Resposta || No ç~eu no ç~eo | Com minha mãe estarei bis || Com minha
mãe estarei | Mais já hei o fendido | A seu jesus querido | As culpas çhorarei. | 2º |
Com minha mãe estarei | E a fé viva e ardente | Com que firme e valente | O mal é
vitarei. | 3º | Com minha mãe estarei | Mãe de toda pureza | Nesta vida interessa |
Fiel lhe guardarei. | 4º | Com minha mãe estarei | Mãe de suma bondade | A çuberta
vaidade | Sempre detestarei. | 5º | vire [fol. 10v]

Com minha mãe estarei | já que ao bidiençia | Foi dela toda çiençia | Em
sempre guardarei . | 6º | Com minha mãe estarei | É mãe de caridade | Do proçimo a
maldade | Nunca é [rasura] gitarei . | 7º Fim |

O hino seguinte é intitulado “Hino no céu”, Exemplo 8, é uma continuidade do hino anterior, abordando a mesma temática de projeção ao céu.

Hino no çeõ || Espero ter adita | No çeõ a patria Santa | E ver a mãe bendita
| Que toda terra encanta . | 1º | No çeõ no çeõ no çeõ | Irei ver Maria . || Na patria
glorioza | Os anjos a lumia | Minha alma jubiloza | Contem para Maria . | vire 2º [fol.
11r]

Entre os coros divinos | No çeõ airei ver | Irei cantar seus hinos | Irei ser
pagem ser . | 3º | Que paz e que doçura | No derradeiro dia | Cantar com a ventura |
De está junto a Maria | 4 Fim |

O hino seguinte, “Hino a Maria”, Exemplo 9, é bem diferente dos analisados até o momento. Diferentemente dos anteriores, esse hino tem início, e assim segue até quase o seu fim, com a descrição por ancoragem⁴: o objeto não é descrito logo no início, mas, sim, no final, deixando o leitor/ouvinte ansioso, na expectativa de quem seria o objeto descrito (nesse caso, Maria).

Hino a Maria || Existe um nome que conçola a terra | I que desserra da tristeza o veõ | Bem como aurora que reluz e brilho | Que fulgurante surge lá no çeõ | 1º | Existe um nome que dissipa as dóres | Que os pecadores quer dizer perdão | Como o farol que lá se vem nos mares | Que indica os lares que buscando vão | 2º | Existe um nome que mil bens derrama | Que até achama do divino amor | Como o orvalho que das nuvens desse | A planta cresce que desdobra a flor | 3º vire [fol. 11v]

Já mais dibaldi o invocou prineir[?] | Já mais o crente o repetiu em vão | Já mais otrono se elevou supremo | E que o eterno lhe disse que não . | 4º | Prostai - vos anjos aos seus pez divino | E vossos hinos ofertai com nos - co | Um novo canto lhe entuou sonoro . | Que terra em çeõ cantara com vosso | 5º | E o nome Augusto que no çeõ imenço | Recebi o incençio que se é leva a Deus | Maria é o nome emque Deus resume | Todo o perfume dos amores seu . | 6º | Amor egloria lovou vitoria | Que Maria é mãe do Salvador | Que nome Santo que surgiu tanto | Que çeõ terra esulta com fevor . | 7º Fim |

O “Hino Nossa Senhora de Fátima”, Exemplo 10, é também um hino bem diferente dos que já foram vistos até o momento, uma vez que ele, basicamente, narra a história de Nossa Senhora de Fátima. Além disso, esse hino não faz menção visível a pedido, ou à prece. Implicitamente, podemos perceber que no final há uma espécie de aconselhamento à penitência, em virtude de “os filhos” reconhecerem-se pecadores.

⁴ A descrição por ancoragem descreve o objeto sem identifica-lo, logo de início.

Hino Nossa Senhora de Fatima || A treze de Maio | Na cova da Iría | Do ceõ
a parece | A virgem Maria | 1º | A trez pastorinhos | Cercado de Luz | Vizita a Maria |
A mãe de jesus . | 2º vire [fol. 12r]

A luz lhe paresçe | Sinal de trovão | E junto orebanho | A casa se vão. | 3º |
Da agreste asineira | A virgem falou | E aos trez a Senhora | Iremos tornou . | 4º |
Então peguntaram | Que nome era o seu | A virgem lhes disse | A mãe ser do çe-u. |
5º | Das mão lhe pediam | Continhas de luz | Assim era o terço | Da mãe de jesus . |
6º | A virgem lhes manda | O terço rezar | Assim diz meus filhos | Vós hei de salvar . |
7º | Avé Avé avé Maria avé avé avé Maria | A virgem os condid[?] | Seis mezes ali |
E os trez pastorinho | O cumpri é assim | 8º | Fazei penitência | De tanto pecar | Lhis
diz a Senhora | Pra guerra acabá | 9º | Do viçio da carne | Nos manda conter | Que
fez dentre todos | Mais almas perder | 10 | Fugir de vaidade | Iaculpa mortais | Que
asfestas produzem | Em seus arraías. | 11 | Vistes com modestia | Com muito pudor
| Olhai como veste | A mãe do Senhor | 12 vire [fol. 12v]

São estes cuidado | Cuidados de mãe | Que aos filhos perdidos | Salvar
assim vem . | Fim ||

A seguir, há mais uma novena: “Novena de Nossa Senhora”, Exemplo 11. Em termos de estrutura, esta se assemelha à novena anterior. Há a oração inicial do “Vinde Espírito Santo”, um canto de invocação, uma Oração Preparatória, uma Jaculatória, uma ladainha, uma Salve Rainha e os benditos.

Na Oração Preparatória, podemos perceber que se trata de uma oração que se refere, desde o início, a Nossa Senhora, com o reconhecimento de que aquele que faz a prece é pecador, deixando claro que a oração é feita para que esses pecados possam ser amenizados de alguma forma. No final, há a promessa de que nunca mais ofenderá Nossa Senhora e, mais uma vez, pede perdão.

Oração preparatoria || Ó clementissima Nossa Senhora | nós vós o
fereçemos estas | suplicas o rações em obzequio | desta novena o tributo da nossa |
veneração e a gradeçimento | para maior honra e gloria | chego a vossos pés a mais
divina | creatura mãe de jesus cristo | Deus e homen verdadeiro | criador e redentor
meu por isso | digo tenho vevido a bistinado | nas minhas maldades mais | çertas de

que não desprezai | o meu coração minha nossa | Senhora não me negues o perdão
| que contrito e a rependida || vire [fol. 13v]

No intimo da minha alma | me peza de vós ter ofendido | a gora prometo
com o auxilio | e o puder de Nossa Senhora | nunca mais vós o fender | a gora vos
pesso o perdão | daí-nos pela vossa infinita | meziricordia e assim seja | a men. Fim
||

Em relação à jaculatória, assemelha-se à anterior somente em termos de estrutura: 3 estrofes, cada uma com 4 versos. Na essência, tem o mesmo objetivo: um texto curto, com repetições de algumas expressões, que busca, por meio de Nossa Senhora, alcançar o perdão de Jesus Cristo.

jaculatoria de N. Senhora || nossa Senhora | marte e glorioza | perduais os
pecadores | já que és mãe virtuosa . | 1º P. N. a . v. m || nossa Senhora | a mante de
Santidade | Rogai a Deus por nós todos | lá na eternidade . P. N. avm . || nossa
Senhora | Mãe de jesus cristo | ajudai os pecadores | subir ao infinito P. N. avm . |
Fim [fol. 14r]

Nesse caso, os termos referentes a Nossa Senhora foram:

1. Marte e gloriosa
2. Mãe virtuosa
3. Nossa Senhora
4. Amante da Santidade
5. Nossa Senhora
6. Mãe de Jesus Cristo

A oração seguinte é a “Salve Rainha”, Exemplo 12. Trata-se de uma oração estruturalmente diferente da anterior, mas que possui o mesmo teor de objetividade. Nessa oração, há muitos termos qualificadores da santa, o que não é feito de forma aleatória, mas com o objetivo de, por meio da qualificação abundante, preparar o campo, por assim dizer, para os pedidos e as preces futuras.

Salve Rainha || Salve ó Maria empera a triz divin [] | a quem se enclina
 reverente ao çeu | Farol que brilha para nos seguro | Lá no futuro no sombrilho véu. |
 1º | Salve ó Maria que do trono é terno | Amos materno para nós sorrir | Ouve este
 hino que na terra em []tôa | Em que rezoa na monção felis | 2º | Nome tão bello e
 tão feliz Maria | Doçe armonia que ao niverço em tôa | I que surgindo na amplidão
 dos mares | Defende os are e pelo astros vòa | 3 | Tú de mil graças e seu mortal S. |
 Tú percusoza da eterna luz | Protege a cauza dos mortais contrito \Que geme alflito
 sobre os pez da cruz | 4 | Sobre minha alma teu olharenprin[?] | Terno e sublime
 com os rizo teus | chorozas dias de existência aurora | Proteje amparo no destino
 meu . | vire 5 [fol. 16

I quando a vida terminar o sonho | Falar rizonho rocobir a dór | Vai entre o
 anjos reviver contente | Minha alma ardente pelo seu amor | Fim 6 |

O “Oferecimento”, Exemplo 13, como o próprio nome já sugere, consiste em uma oração de oferecimento da novena a Nossa Senhora, por ela ter concebido sem pecado, e aproveita para pedir, por intermédio dela, que Jesus perdoe os pecados cometidos pelos fiéis. Sobre esse aspecto, é bastante perceptível o fato de que a ideia do pecado é o que move a maioria das orações, principalmente as iniciais. Isso porque, para se elevar aos céus os pedidos, é preciso que os fiéis sejam reconhecidos como pecadores, portanto, não merecedores de graças e, somente depois desse reconhecimento, é que se deve chegar aos pedidos.

Oferecimento|| ó imaculada Nossa Senhora | nós vos ofereçemos esta nove
 - | na em memoria do inflama - | vel gozo que tiveste quando | em vosso ventre
 consedeste | o devino filho que nasceu | para perder e Salvar | portanto nós vos
 pedimos | ao mesmo Senhor e tambem | avirgem Nossa Senhora | que com os
 vossos milagres | nos alcance uma verdadeira | contrição dos nossos pecados | para
 que com a pureza ea força | destas presses e orações que | vos ofereço e quero que
 [rasura] | quebre as duras taças das - | minhas serva canduras | e com estas a
 bundantes | lagrimas espero a pagar | as maças das minhas | culpas para que eu
 possa | mereçer a graça de ser | perdoada e a dmitida no maior | numero de vossa
 interçeição || vire [fol. 17v]

E a gora vos pesso a Virgem | perdoai nossos pecados | agora é para sempre sem | fim a mem. Fim ||

Por último, há o “Bendito de Nossa Senhora da Conceição”, Exemplo 14. Trata-se mais de um hino de louvor a Nossa Senhora. Percebemos que nele a expressão “Conceição de Maria” repete-se seis vezes, e isso não se dá de forma aleatória, mas com essas repetições é que o fiel acaba se sentindo mais próximo a Nossa Senhora.

Bendito de N. S. da Conceição || Bendito lovado seja | A conceição de Maria | Que no ventre de Santana | Cheia de graça se via. | 1º | Lá vem o sol saindo | Com suas galantaria | É com que se faz auvena | A conceição de Maria. | 2º | As estrelas alumeia | A lua resplandeçia | É com que se faz auvena | A conceição de Maria. | 3º | O Senhor que me çhamava | Eu era quem não ouvia | Por que estava enlevada | Na conceição de Maria. | 4º Vire [fol. 18r]

O roزاری que eu rezei | A ninguem eu não daria | Vou levalo lá ao çeu | A conceição de Maria. | 5º | Lá do ç~eu desseu dois anjos | Com prazer ea legria | Vieram buscar na terra | A conceição de Maria . | 6º | O fressemos este Bendito | A o anjo de mais valia | Que me leve lá o ç~eu | A conceição de Maria . | 7º Fim ||

4.4.3 Análise do Caderno 3

O terceiro caderno contido no *corpus* em análise apresenta alguns benditos, no início, e algumas novenas que também serão analisadas. O primeiro bendito é o “Bendito de Nossa Senhora Aparecida”, Exemplo 15. Inicialmente, há uma louvação que destaca, como em outros textos analisados, a virgindade de Nossa Senhora.

| I | Viva mãe Deus e nossa | Sem pecado concebida | Salve o virgem Aparecida |

Em seguida, os fiéis continuam com o louvor, destacando, dessa vez, a fé que eles carregam.

II Resposta | Aqui estão vossos devotos | Cheios de fé encendidos | De conforto e de esperança | O Senhora Aparecida |

Mais adiante, vem o pedido de que as preces sejam atendidas. Isso é feito por meio de vários adjetivos que qualificam Nossa Senhora.

III | Nossos rogos escutai | Nossa vós seja atendida | Hino dalma vós pedimos | O Senhora Aparecida | IV | Lá do sino do calvário | De tormentos combatidos | Jesus fez por nossa mãe | O Senhora Aparecida | j | jolinie dos Sotas | jos[?]ne

V | Virgem Santa Virgem bela | Mãe amável mãe querida |

Amparai-nos Socorreinos | O senhora Aparecida. | VI | Proteguei a Santa igreja | Mãe amável extremeçada | Protegei a nossa Pátria | O Senhora aparecida | VII | Velai pôr nossa família | Pela infância desvalida | Pelo povo Brasileiro | O Senhora Aparecida |

Fim [rasura] | 24 _ 12 _ 82 | José Milson

O seguinte bendito, “Bendito de Nossa Senhora de Fátima”, Exemplo 16, difere um pouco do hino analisado anteriormente. Este também faz menção à história de Nossa Senhora de Fátima, mas por meio de muitas qualificações à Santa, que aparecem em todo o bendito e somente ao final há o pedido de bênção para o Brasil.

I Bendito de N. S. de Fátima |

Nossa Senhora | celeste aurora | A cada hora | o teu olhar | tão indulgente | I tão clemente | A toda gente | Vem confortar | II |

A Fátima vieste | ou mãe querida | compodecida estribilho | Do povo teu | E hoje o mundo inteiro | Te venera e concidera | De um povo teu | III | tu és Maria | conforto e guia | Na travessia | Que ao céu conduz | No mar dar vida | o mãe querida | vire

Doce guarida | Ser nossa luz || IV | ou virgem pura | com que ternura | com que ventura | celestial | pra venerarte | E mais amarte | Foram buscarte | Em Portugal || VI | Deste recanto | tranquilo e Santo | Abre o teu manto | Sobre o Brasil | Nele

pairando | vai demorando | vai espelhando | Favores mil | Fim 24 _ 12 _ 82 | josé milson

O Bendito de Nossa Senhora da Conceição é o mesmo analisado no Caderno 2.

A seguir, analisamos a “Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”, Exemplo 17. Em relação à estrutura, apresenta as mesmas partes das novenas já analisadas. A Jaculatória apresenta um pedido direcionado a Jesus, mas por intermédio de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ressaltando que ela veio e foi “submetida” a tudo o que passou para que socorresse os fiéis nas horas precisas.

jaculatório | Ou senhora do Socorro | Pedir a Jesus | Que a todos nos der | Amor graça e luz | Ave Maria . . | II | Vineste ao mundo | para nos socorrer | Quero senhora | A todos nos valer | Ave Maria , , , | III | Quiseste Senhora [rasura] | Viver [rasura] humilhada | para serde do céu | Depois exaltada | Ave Maria

Em seguida, há o “Bendito da Conceição”, Exemplo 18, que difere dos demais analisados em termos de uso de palavras, mas a intenção é a mesma. Inicialmente, há a exaltação a Nossa Senhora, por meio de várias qualificações. Após isso, já iniciam o pedido para que ela ouça as preces que eles têm para fazer. Posteriormente, há, mais uma vez, a utilização de vários adjetivos para qualificar a Santa.

Bendito da Conceição

| I | Virgem da Conceição | mãe da piedade | Vós sois da nossa | Felicidade
 || II | Vós sois a espôza | do Espírito Santo | Ouvis piedade | O nosso pronto || III |
 Sois mãe dos homens | [?] Raquel divina | Que os tristes filhos | Para o bom destino
 || IV | Sois mãe dos anjos | Altar rainha | Mãe do eterno | De todos convinha
 9 V | Por que sois mãe | De um filho Deus | Fazei de nós | De um filho seus ||
 VI | Por que sois filha | De um pai eterno | Não sofremos | o duro inferno || VII | Vós
 sois a estrela | Que nos alimenta | Guia as nossas almas | Que do susto [rasura]

exempl[?] || VIII | Vós sois a torre | Do nosso abismo | Forte esquadrão | Contra os inimigos

IX | De um tal poder | temes o inferno | lovemos a todos | Adão sempre eterno || X | Contemos todos | com a porfia| Lovemos a todos | viva a Maria . || Fim ||
21 _ 12 _ 83

Mais adiante, há a “Novena de Nossa Senhora do Desterro”, Exemplo 19. Segundo a história, Nossa Senhora do Desterro é bastante idolatrada na Itália e ela é padroeira daqueles que tiveram de deixar sua pátria. A novena se assemelha, estruturalmente falando, às novenas analisadas até agora.

Na Jaculatória, há também o pedido de perdão pelos pecados cometidos, valendo-se, para isso, de vários adjetivos que qualificam a Santa. Essa estratégia utilizada é comum em grande parte dos textos analisados até o momento. Os fiéis iniciam os cantos reconhecendo-se como pecadores, fazem preces e pedidos, tudo isso por intermédio de adjetivos que qualificam a Santa para a qual o canto é destinado. Isso não é feito de forma aleatória, mas intencional.

jaculatório | I | O Senhora do Desterro | Morte e gloriosa | Perdoai os pecadores | já que [rasura] és mãe | virtuosa

II | Ó Senhora do Desterro | Amante de Santidade | Rogai a Deus por nós todos | Lá na eternidade | Ave Maria || III | Ó Senhora do Desterro | Mãe de Jesus Cristo | ajudai ao pecadores | Subir ao infinito | Ave Maria ||

Há, na sequência, o “Bendito de Nossa Senhora do Bom Parto”, Exemplo 20. Trata-se de um bendito bem simples, mas que traz parte da história de Nossa Senhora do Bom Parto.

Bendito de nossa | senhora do bom parto | I | Era uma pobre | mulher | Estava pra morrer de | parto | Levanta os olhos ao céu | a mãe de Deus do bom | parto | II | mesmo o vigário me disse | Que eu dessa não escapava | Quem podia da um jeito | a mãe de Deus do bom | parto | III | minha gente venham ver | milagres de um retrato | ainda não sendo ela | mesmo | a mãe de Deus do bom | parto

IV || A mãe de Deus do bom | parto | E mãe do meu co[rasura]ração | Foi quem botou-me | na cama | a levanto – me do chão || V | Ofressemo êste bendito | a mãe de Deus do bom | parto | ainda não sendo ela | mesmo | me serve ao menos o | retrato || Fim 08 _ 10 _ 83 | José Milson

O “Bendito de Nossa Senhora”, Exemplo 2, e o “Bendito de Santa Luzia”, Exemplo 1, que estão contidos nessa novena são os mesmos já analisados anteriormente.

4.4.4 Análise do Caderno 4

O Caderno 4 apresenta, inicialmente, muito benditos de santos, Santo Antônio, São Sebastião, por exemplo. Mais adiante, aparece o “Bendito de Santa Luzia”, Exemplo 1, igual ao já analisado aqui.

Bendito de Santa Luzia

Bendito de Santa Luzia || Bendito lovado seja | Na terra tanta alegria | Espelho da virgindade | Senhora Santa Luzia | 1º | Cantemos todos cantemos | Todos com muita a legria | A doramos todos juntos | Senhora Santa Luzia | 2 | Nós pecadores chamamos | Jesus José e Maria | Chamamos segos da vista | Senhora Santa Luzia | 3 | Toda vida andei errada | Com tão grande desmazia | Busco agora vosso amparo | Senhora Santa Luzia | 4 | A virgem da conceição || vire

Ela seja a nossa guia | Rogai por nós pecadores | Senhora Santa Luzia || Daí – nos o çeu por descanso | Permita a virgem Maria | Livrai – nos de dor de olhos | Senhora Santa Luzia || Luzia prodigioza | Sois sombra da castidade | Tende de dór de nossos olhos | Daí – nos luz a claridade || Pede a Santa Luzia | E a [rasura] coração de Jesus | Salvação pra nossas almas | Para sempre a mem Jesus . | Fim |

O “Bendito de Nossa Senhora” também já foi analisado e mencionado anteriormente, Exemplo 2. O “Bendito de Nossa Senhora Aparecida” também pode ser visualizado (e, portanto, já foi analisado) no Caderno 3, Exemplo 15. O “Bendito de Nossa Senhora de Fátima”, Exemplo 16, já foi analisado, por estar no Caderno 3. O “Bendito de Nossa Senhora da Conceição”, Exemplo 18, encontra-se no caderno

3. O “Bendito de Nossa Senhora do Bom Parto”, Exemplo 20, também está presente no caderno 3 e já foi analisado.

4.4.5 Análise do caderno 5

No caderno 5, todas as novenas e os benditos constam de outros cadernos e, portanto, já foram analisados.

4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE

Nos benditos e novenas analisados, podemos perceber que há tópicos discursivos semelhantes em todos eles, os quais se apresentam de forma recorrente, e, dessa forma, podemos perceber que há, de fato, uma tradição discursiva, a partir da garantia da função social que tal texto apresenta (GOMES, 2007).

A pesquisa de Gomes (2007) aborda a questão da abertura e do fechamento em textos jornalísticos, porém, analisando a teoria utilizada por ela e o conceito que atrela à questão, podemos trazer a mesma conceituação para o presente estudo. Segundo a autora, “a abertura e o fechamento são o início e o fim que se comprometem mutuamente na sequencialização do texto (GUIMARÃES, 2004 *apud* GOMES, 2007, p. 43). Na verdade, a forma como o texto é organizado procura atender a uma dada finalidade comunicativa” (GOMES, 2007).

Sobre isso, Gomes apresenta ainda algumas características apontadas por Citelli (2005). Para ele, o exórdio (abertura) tem a possibilidade de indicar um “assunto, um conselho, um elogio, uma censura” (GOMES, 2007, p. 24), tudo isso dependendo do gênero textual a ser analisado. Já o epílogo (fechamento) pode servir, também a depender do gênero, como ampliador do que foi dito, pode servir como recapitulação etc. Nos textos analisados, podemos comprovar a aplicação dessas estruturas, sendo que, na maioria deles, o exórdio já tinha início com um louvor; enquanto que no epílogo havia um pedido, uma prece.

Outra questão que a mesma autora apresenta e que pode ser utilizada por nós na pesquisa atual é em relação à titulação. Nos benditos analisados, podemos perceber que grande parte destes, quando não aparece titulação alguma, carrega o

nome “Bendito” como precursor do título. Um exemplo disso seria “Bendito de Nossa Senhora de Fátima”. Nas novenas há uma diferenciação simples, pois como se trata de um rito que comporta, por assim dizer, várias partes dentro dele, a titulação varia, a depender da parte que está sendo mencionada. Há, por exemplo, títulos como “Jaculatória”, orações até mesmo sem título, “Oração Preparatória”, “Salve rainha”, “Hino a Nossa Senhora” etc.

Além desses aspectos, podemos verificar no *corpus* analisado a questão da oralidade *versus* a escrita. Durante todo o estudo, procuramos deixar clara a relação entre essas duas vertentes, uma vez que estudamos textos escritos, mas levando em consideração que sem a oralidade eles não existiriam, já que fazem parte do universo, primeiramente, oral. A respeito dessa relação, Obelkevich (*apud* GOMES, 2007, p. 51) esclarece: “ouvir a voz por trás do texto invocando a oralidade que está além da alfabetização, essa é uma de nossas principais tarefas”.

Nos textos analisados, há ainda a possibilidade de enxergarmos a oralidade por meio da escrita, principalmente pelo uso de termos/palavras que são escritos como se quisessem imitar a oralidade (“**Sois** Sombra da castidade”; “**Daime** Sentimento”; “A qui adorar vós venho | com **upeso** das minhas | culpas”), por isso a importância, também, da transcrição fiel ao texto recolhido para análise.

Outro aspecto possível de ser verificado nos textos analisados é a repetição. Nos benditos, podemos verificar casos de repetição reiterativa de efeito enfático (ANTUNES, 1996; 2005 *apud* GOMES, 2007), que possui o objetivo de “insistir teimosamente para convencer e suggestionar” (CÂMARA JR, 2003 *apud* GOMES, 2007, p. 155). No caso dos benditos, esse tipo de repetição é utilizado para dar ênfase ao que é dito, para intensificar o canto. É o caso, por exemplo, da repetição do termo “Senhora Santa Luzia”, Exemplo 1, no Caderno 1 e dos demais, os quais podem ser esquematicamente verificados no Anexo 1.

Gomes (2007, p. 158) retoma também a ideia de “proximidade comunicativa” apresentada por Oesterreicher (1996) como uma das polaridades no contínuo da interação entre a fala e a escrita. No caso dos benditos, verificam-se, ao longo do processo de transcrição e análise do texto escrito, que as marcas de oralidade estão visivelmente presentes.

A esse respeito, Zumthor (2010, p. 82) apresenta várias contribuições. Segundo ele, a forma equivale à força, sendo que aquela significa algo, na maioria das vezes, não estável, portanto, móvel. Segundo o mesmo autor, “a forma não é

um esquema, que ela não ‘obedece’ a nenhuma regra porque ela é a regra, recriada sem cessar, ritmo ‘puro’” (ZUMTHOR, 2010, p. 82).

Outro fator interessante apresentado pelo autor citado é a memória coletiva a qual, segundo ele, é essencial para determinar a estrutura da poesia. Ele salienta ainda que na cultura oral há mais elaboração de discurso do que na cultura escrita. Para ele, “nas sociedades de forte predominância oral, ela constitui, muitas vezes, uma arte muito mais elaborada do que a maior parte dos produtos de nossa escrita” (ZUMTHOR, 2010, p. 84).

Podemos associar as repetições encontradas no *corpus* com a força elocucionária da qual Zumthor fala. Nesse sentido, ressalta-se o fato de que, nos cadernos recolhidos, havia mais novenas e benditos relacionados a Nossa Senhora, Santa, Virgem, mulher, do que a outros santos (homens). Portanto, com a análise realizada, foi possível perceber que na cultura estudada a questão da feminilidade, da mulher, estava em bastante evidência. A esse respeito, Zumthor (2010) acrescenta que em várias culturas existe poesia destinada ao homem e outras destinadas à mulher.

Em relação a isso, a essa tentativa de conservação de crenças e costumes, Zumthor (2010, p. 99) aponta: “segundo eixo pelo qual se pode ordenar a força constitutiva de um gênero oral: sua finalidade imediata e explícita, quando ela se identifica com a vontade de preservação do grupo social”. Além disso:

O instinto de conservação social continua implicitamente presente na obra em suas formas, mais raras, de poesia oral narrativa, cantando algum acontecimento do passado que já teve importância para a comunidade... mesmo que hoje ele lhe seja indiferente (ZUMTHOR, 2010, p. 101).

A partir do que foi visto até o momento, podemos perceber que, ao realizarmos o estudo sobre os benditos e as novenas, verificamos que se tratam de gêneros e ritos pertencentes a uma determinada cultura e, como mencionado, obedecem a um determinado padrão criado por uma cultura específica. Isso nos ajudou a definir os processos que podem ser considerados como formulaicos, como a macroestrutura, e, além disso, como se estabelece o processo de repetição apresentando ênfase ao que se enuncia.

Capítulo 5

Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho.

Clarice Lispector

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi visto nesta pesquisa, a Linguística Histórica é um campo da linguística que procura interpretar mudanças ocorridas ao longo da história. A partir daí, apresentamos, no capítulo 2, as contribuições de Eugenio Coseriu (1979), que nos define o conceito de linguagem, a qual utilizamos na presente pesquisa: “[...] uma atividade humana universal, que, em obediência a normas histórico-convencionais, é exercida por indivíduos [...]” (EUGENIO COSERIU, 1979 *apud* KOCH, 1997). Além de Coseriu, Koch (1997) trata de aspectos relativos ao tema em tela, ressaltando os níveis de linguagem e abordando cada um deles.

Um dos conceitos mais importantes trabalhados na pesquisa foi o de Tradição Discursiva. Sobre ele, além de Koch, trouxemos as contribuições de outros autores, como Kabatek (2006) e Sá Júnior (2012). Para definir o que sejam Tradições Discursivas Oraís, fazemos menção a Pinto-Correia.

Sobre os estudos dos benditos e das novenas, vimos que, de acordo com Sá Júnior (2010), esses textos são definidos como TD, pois apresentam características próprias (já vistas durante a análise). Outros aspectos trabalhados foram o de oralidade e performance. Para trabalhar com eles, trouxemos as contribuições de Zumthor, iniciando com a ideia de que

A comunicação vocal desempenha, no grupo social, uma função exteriorizadora. Globalmente, ela permite que se escute o discurso, seja ele grave ou fútil, que uma sociedade pronuncia sobre si mesma a fim de assegurar sua perpetuação, e do qual a poesia oral é apenas um dos modos (ZUMTHOR, 2010, p. 33).

Sobre a performance, o mesmo autor esclareceu que “a performance poética oral se recorta como uma descontinuidade no contínuo: fragmentação ‘histórica’ de um conjunto memorial coerente na consistência coletiva” (ZUMTOR, 1997, p. 59).

Mais adiante, por tratarmos os benditos e as novenas como gêneros textuais, achamos relevante trazermos a questão do gênero discursivo. Outra questão de bastante relevância foi a do feminismo, uma vez que trabalhamos com os benditos e as novenas que tinham como referente Nossa Senhora. Sobre isso,

mostramos que a religião sempre foi um campo de atuação ativa da figura masculina, mas que caberia à mulher a função de participação em rituais, na transmissão da religiosidade e na função de guardiãs da memória de um grupo.

No capítulo 3, abordamos a metodologia. Neste espaço, apresentamos alguns pontos sobre a questão da metodologia da pesquisa, apontamos a origem do *corpus* e iniciamos a sua descrição.

No capítulo 4, trouxemos a análise propriamente dita do *corpus*. Nesse capítulo, vimos que os textos escolhidos como base para a pesquisa não foram escolhidos por acaso. A partir daí, iniciamos a análise de cada um dos 5 cadernos recolhidos.

A partir disso, vimos que nos benditos e nas novenas os tópicos discursivos são semelhantes e, por essa razão, podemos atribuir características de Tradição Discursiva. Além disso, discutimos a questão da abertura e do fechamento nos textos, bem como da titulação, e, por fim, visualizamos que há a possibilidade de enxergarmos a oralidade por meio da escrita, principalmente pelo uso de termos/palavras que são escritos revelando a força da oralidade, por isso a importância, também, da transcrição fiel do texto recolhido para análise.

Portanto, analisar os textos que fazem parte da tradição oral, que permeia esse campo, significa que devemos observar os fenômenos como algo não fixo, que não possui padrões específicos, já que esses textos tendem a sofrer variações no decorrer do tempo, mesmo que, por vezes, conservem algumas marcas e expressões linguísticas específicas.

Em relação a esse estudo específico, podemos verificar que a cena enunciativa à qual as celebrações populares religiosas pertencem pode ser definida como um espaço híbrido, sendo que alguns aspectos da tradição discursiva permanecem, e determinados elementos do canto mudam por conta de uma nova conjuntura sociopolítica, econômica e cultural.

Assim, pertencem ao seu domínio às determinações pragmáticas de fatores como: contexto situacional, interação e aceitação comunicativas, valores e crenças dos participantes na interação – produtor e receptor –, enfim, todos os aspectos ou constituintes situacionais que interferem na produção de sentido textual, definindo-o.

Desse modo, podemos dizer que esse é somente o início de um estudo que ainda precisa ser levado adiante. Há muito ainda que se estudar sobre a cultura religiosa, sobre a influência da mulher nesse campo. Salienta-se, no entanto, que o

que propomos nesta pesquisa se deteve a outros aspectos, os quais conseguimos alcançar, a saber: 1) Analisar como se estabelece o processo de formulaicidade nos benditos e nas novenas; 2) Investigar como ocorre o processo de repetição nos benditos e nas novenas.

Sobre a formulaicidade, observamos que os benditos e as novenas apresentam tópicos discursivos semelhantes, em todos eles. As formas se apresentam de modo recorrente, o que faz com que sejam textos que possuem uma TD marcada. Além disso, percebemos que há várias ocorrências de expressões que se repetem e elas não ocorrem ao acaso. Portanto, finalizamos este trabalho com o anseio de que seja somente um início para outras possíveis pesquisas na mesma área e, quem sabe, no mesmo campo de investigação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Michail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes [1979] 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1978.

CASCUDO. Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9. ed. Ver. Atual. São Paulo: Global, 2000.

COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1979.

DIAS. Elisângela Tavares. *Em cantos de reis: a tradição discursiva em autos de Natal*. 2013. 208 f. Dissertação de Mestrado. Natal/RN. UFRN.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, V. S. *Traços de mudanças e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*. Tese de doutorado. 314 fls. Recife: O Autor, 2007. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp111291.pdf>>. Acesso em: 10 de jan. de 2014.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. A formulaicidade de repetições como trato evocador de tradição discursiva. In: Seminário do GEL, 57., 2009, *Programação...* Ribeirão Preto (SP): GEL, 2009. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=5389-09>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

JÚNIOR, Alaor; MENDES, Teresinha. *As Novenas na zona rural de catalão: uma análise comparativa entre as fazendas Ribeirão, Mata Preta e Tambiocó*. 2007. Disponível em

<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/viewFile/9306/6399>>. Acesso em 09/05/2014.

KABATEK, Johannes. Tradições Discursivas e mudança linguística. In: LOBO, Tânia *et al.* (Org.) *Para a História do Português Brasileiro: Novos dados, novas análises*. Volume VI, Tomo II. Salvador: EDUFBA, 2006.

KOCH, P. "Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Statua und ihrer Dynamik". In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Hrsg.), *Gattugen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr, 1997 (ScriptOralia, 99), 1997. 43-79. [texto traduzido].

LINS, Neilton Farias. Gêneros discursivos e o ensino de linguagem. *Revista Letra Magna*. 2007. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/ensinodelinguagem.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2014.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. A repetição na língua portuguesa. UNEB. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/32/09.htm>>. Acesso em 22 jan. 2014.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Minicurso: Tradições Discursivas e Mudanças no Sistema Pronominal de Tratamento no Português Brasileiro*. I Seminário do Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte. Natal: não publicado, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Candida A. S.; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 219-254.

MATTOS e SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS e SILVA, R. V. Orientações atuais da Linguística Histórica brasileira. In: *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, n. 15, p. 147-166, 2000.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MOURA, Henrique. Mulher e Religião. Disponível em: <http://www.komedi.com.br/escrita/leitura.asp?Texto_ID=9780>. Acesso em 21/04/2014.

OESTERREICHER, Wulf. Lo hablado em lo escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a uma tipologia. In: *El espanhol hablado y La cultura oral em Espana y Hispanoamerica*, 1996.

OLIVEIRA, A. M. de. *Vestígios de permanência e mudança dos classificados do jornal Tribuna do Norte (1951-2010)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal: UFRN, 2010.

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. *A teoria dos atos de fala na filosofia da linguagem*. 2006. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2006

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. *Voices benditas: entre o nomadismo e a performance estão os atos*. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2009.

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. *Traços de permanência e mudança da memória ibérica no Rio Grande do Norte*. In: MARTINS, M. A.; TAVAREZ, M. A. (Org) *História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal/RN: EDUFRN, 2012.

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. *Tradições Discursivas nas culturas populares: correspondências trocadas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2010/12/J%C3%BAnior.pdf>. Acesso em 30 jan. 2014.

SILVA, Edna; MENEZES, Estera. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

ZANETTI, L. H. *Descobrimos os caminhos já trilhados: um glossário terminológico de formulaicidade alemão/português*. 194 fls. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Departamento de Letras Modernas, 2009.

ZAVAM, A. S. *Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornais*. 420 fls. UFC, Departamento de Letras Vernáculas/Programa de Pós-graduação em Linguística, 2009. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3602/1/2009_tese_ASZAVAM.pdf Acesso em 10 de jan. 2014.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR. Paul. *Introdução à Poesia Oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ZUMTHOR. Paul. *Performance, recepção e leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000.

ANEXO 1⁵**Caderno 1****Exemplo 1**

Bendito de Santa Luzia

1. Espelho de virgindade
2. Senhora Santa Luzia
3. Senhora Santa Luzia
4. Senhora Santa Luzia
5. Senhora Santa Luzia
6. A virgem da Conceição
7. Senhora Santa Luzia
8. Virgem Maria
9. Senhora Santa Luzia
10. Lucia prodigiosa

Exemplo 2

Bendito de Nossa Senhora

1. Virgem Senhora
2. Mãe de piedade
3. Virgem Maria
4. Senhora

Caderno 2**Exemplo 3**

Novena do mês de Maio

6. Nossa Senhora
7. Nossa Senhora

8. Gloriosa Nossa Senhora
9. Nossa Senhora
10. Gloriosa Nossa Senhora
11. Minha Nossa Senhora
12. Nossa Senhora
13. Nossa Senhora
14. Mãe toda divina
15. Cheia de graça
16. Estrela matutina
17. Senhora
18. Luz pura
19. Divina Maria
20. Mãe de ternura
21. Senhora
22. Mãe do criador
23. Senhora
24. Templo de trindade
25. Mãe de Deus

Exemplo 4

Hino da padroeira

1. Virgem pura
2. Glória mãe
3. Padroeira da cidade
4. Nossa senhora
5. Mãe bela e rosa
6. Nossa senhora
7. Manhã sagrada
8. Nossa senhora

Exemplo 5

Bendito do mês de maio

1. Virgem da conceição
2. Virgem Maria

⁵ Este anexo é composto por ocorrências de repetições encontradas nos benditos e nas novenas analisadas.

3. Virgem imaculada
4. Virgem da Conceição
5. Maria Santíssima
6. Virgem pura

Exemplo 5

Bendito do mês de maio

1. Santo mês de Maria
2. Santa alegria
3. Santo mês de Maria
4. Santo mês de Maria
5. Santo mês de Maria
6. Coração de Maria
7. Coração de Maria

Exemplo 5

Bendito de maio

1. Virgem divina
2. Flor do campo
3. Virgem
4. Senhora
5. Maria

Exemplo 5

Bendito do mês de maio

1. Santa alegria
2. Santo mês de Maria
3. Maria
4. Santo mês de Maria
5. Coração de Maria
6. Coração de Maria

Exemplo 6

Despedida de Maio

1. Virgem do livramento
2. Minha mãe querida
3. Mãe de Deus
4. Mãe de Deus
5. Virgem sempre pura
6. Virgem do livramento
7. Mãe de Deus
8. Virgem do livramento
9. Mãe compassível
10. Mãe de Deus
11. Melhor mãe
12. Virgem mãe de Deus

Exemplo 7

Hino com minha mãe estarei

1. Com minha mãe estarei
2. Virgem Maria
3. Com minha mãe estarei
4. Com minha mãe estarei
5. Com minha mãe estarei
6. Com minha mãe estarei
7. Mãe de toda pureza
8. Com minha mãe estarei
9. Mãe de suma bondade
10. Com minha mãe estarei
11. Com minha mãe estarei
12. Mãe de caridade

Exemplo 8

Hino do céu

1. Pátria Santa
2. Mãe bendita

3. Maria
4. Maria
5. Maria

Exemplo 9

Hino a Maria

1. Maria
2. Maria

Exemplo 10

Hino a Nossa Senhora de Fátima

1. Virgem Maria
2. Mãe de Jesus
3. Virgem
4. Mãe de Jesus
5. Virgem
6. Virgem
7. Mãe do senhor

Exemplo 11

Novena de Nossa Senhora

1. Clementíssima Nossa Senhora
2. Mãe de Jesus Cristo
3. Nossa Senhora
4. Nossa Senhora

Exemplo 12

Salve Rainha

1. Maria imperatriz
2. Maria
3. Doce harmonia

Exemplo 13

Oferecimento

1. Imaculada Nossa Senhora
2. Virgem Nossa Senhora
3. Virgem

Exemplo 14

Bendito de Nossa Senhora da
Conceição

1. Conceição de Maria
2. Conceição de Maria
3. Conceição de Maria
4. Conceição de Maria
5. Conceição de Maria
6. Conceição de Maria

Caderno 3

Exemplo 15

Bendito de Nossa Senhora Aparecida

1. Mãe Deus
2. Virgem Aparecida
3. Senhora Aparecida
4. Senhora Aparecida
5. Senhora Aparecida
6. Virgem Santa
7. Virgem bela
8. Mãe amável
9. Mãe querida
10. Senhora aparecida
11. Mãe amável
12. Senhora Aparecida
13. Senhora Aparecida

Exemplo 16

Bendito de Nossa Senhora de Fátima

1. Nossa Senhora
2. Celeste aurora
3. Mãe querida
4. Maria
5. Conforto e guia
6. Mãe querida
7. Doce guarida
8. Virgem pura

Exemplo 17

Novena de Nossa Senhora do
Perpétuo Socorro

Exemplo 18

Bendito de Nossa Senhora da
Conceição

Exemplo 19

Novena de Nossa Senhora do
Desterro (Jaculatória)

1. Senhora do Desterro
2. Marte e gloriosa
3. Mãe virtuosa
4. Senhora do desterro
5. Amante da santidade
6. Ave Maria
7. Senhora do desterro
8. Mãe de Jesus Cristo
9. Ave Maria

Exemplo 20

Bendito de Nossa Senhora do Bom
Parto

1. Mãe de Deus do Bom Parto
2. Mãe de Deus do Bom Parto
3. Mãe de Deus do Bom Parto
4. Mãe de Deus do Bom Parto
5. Mãe de Deus do Bom Parto
6. Mãe de Deus do Bom Parto

Exemplo 2

Bendito de Nossa Senhora

1. Virgem senhora
2. Mãe de piedade
3. Virgem Maria
4. Senhora

Exemplo 1

Bendito de Santa Luzia

1. Espelho da virgindade
2. Senhora Santa Luzia
3. Senhora Santa Luzia
4. Senhora Santa Luzia
5. Senhora Santa Luzia
6. Virgem da Conceição
7. Senhora Santa Luzia
8. Virgem Maria
9. Senhora Santa Luzia
10. Luzia prodigiosa

Caderno 4**Exemplo 1**

Bendito de Santa Luzia

1. Espelho da virgindade
2. Senhora Santa Luzia
3. Senhora Santa Luzia
4. Senhora Santa Luzia
5. Senhora Santa Luzia
6. Virgem da Conceição

Exemplo 2

Bendito de Nossa senhora

1. Virgem senhora
2. Mãe de piedade
3. Virgem Maria
4. Senhora

Exemplo 15

Bendito de Nossa Senhora Aparecida

1. Mãe de Deus
2. Virgem imaculada
3. Senhora aparecida
4. Senhora aparecida
5. Senhora aparecida
6. Senhora aparecida
7. Virgem Santa
8. Virgem bela
9. Mãe amável
10. Mãe querida
11. Senhora aparecida
12. Mãe amável
13. Senhora aparecida
14. Senhora aparecida

Exemplo 15

Bendito de Nossa Senhora Aparecida

1. Nossa Senhora

2. Celeste aurora
3. Mãe querida
4. Maria
5. Conforto e guia
6. Mãe querida
7. Doce querida
8. Virgem pura

Exemplo 18

Bendito de Nossa Senhora da
Conceição

1. Conceição de Maria
2. Cheia de graça
3. Conceição de Maria
4. Conceição de Maria
5. Conceição de Maria
6. Conceição de Maria
7. Conceição de Maria
8. Conceição de Maria
9. Conceição de Maria

Exemplo 20

Bendito de Nossa Senhora do Bom
Parto

1. Mãe de deus do bom parto
2. Mãe de deus do bom parto
3. Mãe de deus do bom parto
4. Mãe de deus do bom parto
5. Mãe do meu coração
6. Mãe de deus do bom parto

Caderno 5**Exemplo 11**

Novena de Nossa Senhora

1. Clementíssima Nossa Senhora
2. Mãe de Jesus
3. Minha Nossa Senhora
4. Nossa Senhora
5. Nossa Senhora
6. Marte e gloriosa
7. Mãe virtuosa
8. Nossa Senhora
9. Mãe de Jesus Cristo
10. Nossa Senhora
11. Amante da Santidade
12. Maria imperatriz divina
13. Maria
14. Percussora da eterna luz
15. Mãe de Deus
16. Maria Santíssima
17. Santa imaculada conceição
18. Maria

19. Virgem mãe
20. Imaculada Nossa Senhora
21. Virgem Nossa Senhora

Exemplo 14

Bendito de Nossa Senhora da
conceição

1. Conceição de Maria
2. Cheia de graça
3. Conceição de Maria
4. Conceição de Maria
5. Conceição de Maria
6. Conceição de Maria
7. Conceição de Maria

Exemplo 2

Bendito de Nossa Senhora

- 4 Virgem Senhora
- 5 Mãe de piedade
- 6 Virgem Maria
- 7 Senhora